

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

VITÓRIA EVELYN MOTA DIAS RIBEIRO

A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA BRUXA E DE ATENA NO UNIVERSO
NARRATIVO DE LOONA

SÃO PAULO

2023

VITÓRIA EVELYN MOTA DIAS RIBEIRO

A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA BRUXA E DE ATENA NO UNIVERSO
NARRATIVO DE LOONA

Monografia de conclusão de curso apresentada
como requisito para obtenção do título de
Licenciada e Bacharel em Letras pelo Curso de
Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria Elisa Rodrigues Moreira

SÃO PAULO

2023

VITÓRIA EVELYN MOTA DIAS RIBEIRO

A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA BRUXA E DE ATENA NO UNIVERSO
NARRATIVO DE LOONA

Monografia de conclusão de curso apresentada
como requisito para obtenção do título de
Licenciada e Bacharel em Letras pelo Curso de
Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Elisa Rodrigues Moreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a Lilian Cristina Correa
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por esta realização.

Poder concluir o curso de graduação é fruto do amor e da confiança de minha mãe, Marta, e meu pai, Ricardo. Por isso, agradeço a ambos por todas as manhãs em que me acompanharam até o colégio, pelas conversas sobre o que eu havia aprendido no dia, pelo interesse em participar da minha vida escolar. Igualmente, agradeço ao meu irmão, Thiago, por ser meu melhor amigo e tornar cada momento da minha vida mais divertido e especial. Aos três, agradeço a paciência durante esses quatro anos.

À minha tia Jô, agradeço o imenso amor, pelas palavras de afeto, pela presença constante e por acreditar em mim.

Também sou grata pelos mestres que me guiaram nesse começo da vida acadêmica, em especial à Profa. Maria Elisa Rodrigues Moreira, por ser uma orientadora incrível, doce e companheira; à Profa. Cristine Fickelscherer de Mattos, pelo apoio constante e os conselhos, assim como pelas aulas sempre profundas; às Profas. Lillian Cristina Correa, Alleid Ribeiro Machado e Elaine Cristina Prado dos Santos, pelas discussões envolvendo a mulher, suas representações e angústias, além do caráter quase sempre misterioso que ela parece destinada a carregar; à Profa. Ana Lúcia Trevisan, pelas aulas que eram um alívio em meio ao começo da quarentena, também nos apresentando mundos de fantasia e insólito da mulher; à Profa. Ana Paula Soares de Campos, pelas conversas após as aulas; à Profa. Valéria Bussola Martins, pelo apoio e carinho; ao Prof. Fernando de Jesus Giraldo Salinas, por compartilhar sua bagagem enorme, absurda e autêntica de referências, obras, histórias e inquietações; aos Profs. Ronaldo de Oliveira Batista e Alexandre Marcelo Bueno, pelas aulas maravilhosas e por me abrirem os olhos para essa área tão deslumbrante que é a Linguística; e ao Prof. Maurício Demichelli, pela sensibilidade e as discussões tão ricas em sala de aula acerca do poder do discurso. A todos os professores do curso de Letras, meus sinceros agradecimentos.

Por fim, expresso minha gratidão a todas minhas “eu” que, com pequenas ações e atitudes tomadas, me permitiram chegar até aqui. Que a Evelyn do passado compartilhe desse orgulho na sua pequenez e desfrute do deslumbramento que é tornar concreto o sonho de se formar. Que a Evelyn do futuro proteja com muito carinho todas as memórias construídas nessa universidade e ao longo desta pesquisa. A Evelyn do presente é eternamente grata.

I am not free while any woman is
unfree, even when her shackles are
very different from my own.

— Audre Lorde

RESUMO

Inspirados comercialmente e artisticamente por movimentos sociais, muitos produtos midiáticos se apropriam de suas discussões. Dentre os exemplos contemporâneos, o grupo sul-coreano LOONA, criado em 2016 sob a premissa de construir um universo narrativo próprio por meio de seus materiais audiovisuais, emprega perfis de mulheres historicamente considerados subversivos em sua narrativa de teor feminista. Por isso, buscando reconhecer permanências e atualizações, o presente Trabalho de Conclusão de Curso estuda semioticamente a construção da bruxa, tanto nos seus papéis de matrona e aprendiz, como na ligação proposta pela narrativa com a deusa grega Atena. A priori, com base na pesquisa bibliográfica, considerando a estruturação da história em materiais de naturezas diversas, lançados pelos solos e pelas subunidades que integram o LOONA, estudamos seu universo narrativo por meio do modelo transmidiático. Disso, foi possível levantar elementos-chave da segunda subunidade, um trio denominado ODD EYE CIRCLE. Para a análise dos materiais selecionados, optamos pela semiótica peirceana e, em apoio às leituras feitas dos signos levantados, recorreremos a um dicionário de símbolos. Paralelamente, utilizamos uma enciclopédia voltada aos conceitos, práticas e símbolos associados à bruxa. Dessa forma, pudemos conferir como a sabedoria divina ganha novos contornos na passagem da Atena virginal para a mulher que almeja viver o amor em sua totalidade. Igualmente, concluímos que a narrativa mescla signos comumente interpretados como inocentes com outros tipos como malignos, em um esforço tanto publicitário, como artístico e crítico. Portanto, enxergamos no ODD EYE CIRCLE a apresentação e representação da rebeldia feminina para emancipação dos diferentes perfis de mulheres presentes na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Bruxa. K-Pop.

ABSTRACT

Inspired commercially and artistically by social movements, many media products appropriate from their discussions. Among the contemporary examples, the South Korean group LOONA, created in 2016 under the premise of building its own narrative universe through its audiovisual materials, resort to profiles of women historically considered subversive in its feminist narrative. Therefore, seeking to recognize permanencies and updates, the present Undergraduate Thesis semiotically studies the construction of the witch, both in her roles as matron and apprentice, as well as in the connection proposed by the narrative with the Greek goddess Athena. A priori, based on bibliographic research, considering the structuring of the story in materials of different natures, released by the solos and subunits that integrate LOONA, we studied its narrative universe through the transmedia model. From this, it was possible to raise key elements of the second subunit, a trio called ODD EYE CIRCLE. For the analysis of the selected materials, we opted for Peircean semiotics and, in support of the readings made of the signs gathered, we resorted to a dictionary of symbols. At the same time, we used an encyclopedia focused on the concepts, practices and symbols associated with the witch. In this way, we were able to see how divine wisdom gains new contours in the passage from the virginal Athena to the woman who longs to live love in its totality. Likewise, we conclude that the narrative mixes signs commonly interpreted as innocent with others considered evil, in an effort that is simultaneously advertising, artistic and critical. Therefore, we see in ODD EYE CIRCLE the presentation and representation of female rebellion for the emancipation of the different profiles of women present in the narrative.

KEYWORDS: Feminism. Witch. K-Pop.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPTURAS DE TELA

Captura de tela 1	Abertura de <i>Eclipse</i>	46
Captura de tela 2	Cena de <i>Eclipse</i>	46
Captura de tela 3	Cena de <i>Eclipse</i>	47
Captura de tela 4	Cena de <i>Eclipse</i>	48
Captura de tela 5	Cena de <i>Eclipse</i>	49
Captura de tela 6	Cena de <i>Eclipse</i>	49
Captura de tela 7	Cena de <i>Eclipse</i>	50
Captura de tela 8	Cena de <i>Eclipse</i>	51
Captura de tela 9	Cena de <i>So What</i>	52
Captura de tela 10	Cenas de <i>Eclipse</i>	53
Captura de tela 11	Cena de <i>Eclipse</i>	55
Captura de tela 12	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	60
Captura de tela 13	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	61
Captura de tela 14	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	62
Captura de tela 15	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	62
Captura de tela 16	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	63
Captura de tela 17	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	64
Captura de tela 18	Cena de <i>Singing in the Rain</i>	65
Captura de tela 19	Cena de <i>Reveal</i>	65
Captura de tela 20	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	66
Captura de tela 21	Cena de <i>Reveal</i>	66
Captura de tela 22	Cena de <i>Reveal</i>	67
Captura de tela 23	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	69
Captura de tela 24	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	70
Captura de tela 25	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	71
Captura de tela 26	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	72
Captura de tela 27	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	72
Captura de tela 28	Cena de <i>Reveal</i>	73

Captura de tela 29	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	73
Captura de tela 30	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	74
Captura de tela 31	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	74
Captura de tela 32	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	75
Captura de tela 33	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	75
Captura de tela 34	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	76
Captura de tela 35	Cena de <i>Love Cherry Motion</i>	76
Captura de tela 36	Cena de <i>Reveal</i>	77
Captura de tela 37	Cenas de <i>One&Only</i>	78
Captura de tela 38	Cena de <i>Kiss Later</i>	79
Captura de tela 39	Cena de <i>Kiss Later</i>	79

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	<i>Teaser</i> Garota de Maio	42
Fotografia 2	<i>Teasers</i> Garota de Janeiro e Garota de Abril	43
Fotografia 3	<i>Teasers</i> Kim Lip #2 e Kim Lip #4	44
Fotografia 4	<i>Teaser</i> Garota de Junho #1	57
Fotografia 5	<i>Teaser</i> Garota de Junho #2	59
Fotografia 6	Recorte de <i>Teaser</i> Jinsoul #5	59
Fotografia 7	<i>Teasers</i> Kim Lip #4 e Jinsoul #4	63
Fotografia 8	<i>Teaser</i> Garota de Julho	68

ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1	Representação de três bruxas	58
--------------	------------------------------------	----

QUADROS

Quadro 1	<i>As três parcas</i>	40
----------	-----------------------------	----

Quadro 2	<i>Macbeth e as três bruxas</i>	40
Quadro 3	<i>Pallas Athena</i>	56

XILOGRAVURA

Xilogravura 1	<i>Três bruxas com cabeça de asno, galo e cão</i>	41
---------------	---	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	A TRAJETÓRIA DAS <i>IDOLS</i> NO K-POP	15
3.	A GÊNESE DO LOONA	19
3.1	LOONA em fases	19
3.2	LOONAverso e Transmídia	21
4.	SEMIÓTICA SEGUNDO PEIRCE	31
5.	O FEMINISMO NO LOONA	35
5.1	A bruxa que sabe	41
5.2	A bruxa que ensina	56
5.3	A bruxa que busca	68
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	84

1. INTRODUÇÃO

A ideia da mulher enquanto ser difícil de se entender é antiga para o imaginário comum, podendo ser traçada desde as canções de amor e amigo trovadorescas: ora é responsável e culpada pela paixão alheia, ora está sujeita às escolhas de um outro masculino a quem ama. Tais idealizações, construídas pelo homem, não são apenas formas distintas de tematizar a mulher, uma vez que encontram justificativas em e reforçam seus papéis exercidos no meio social.

Com os esforços para compreendê-la, seja pelo deslumbramento que diviniza, ou pelo preconceito que demoniza, tem-se a criação de perfis. Como bem sabemos, a presença destes não se restringe às produções literárias medievais, tampouco é exclusiva dos textos escritos ou daqueles entendidos tradicionalmente como artísticos, o que incluiria as pinturas. Na contemporaneidade, o videoclipe também é um suporte que explora esses modelos sob discursos diferentes.

Tomemos como exemplo o grupo sul-coreano LOONA, cujo universo audiovisual próprio tem em sua composição alguns desses perfis, reconstruídos a partir de uma abordagem feminista. Originalmente composto por doze integrantes gerenciadas pela empresa de entretenimento sul-coreana Blockberry Creative Entertainment (BBC), o grupo se baseia em um projeto dividido em fases de pré-estreia e estreia oficial. Naquela, cada integrante foi apresentada em um contexto específico, relacionando-se com as demais pela identificação da opressão que sofrem: o *looping* que as impede de seguir em frente e tomar suas próprias decisões. Por isso, em seu desenvolvimento, o loonaverso promove uma mensagem de inspiração para o encontro não discriminatório de forças feministas visando à emancipação das mulheres.

Dentre as personagens interpretadas pelas integrantes, notamos a presença daquelas entendidas como subversivas, como a Criadora, a mulher-lobo, o encontro de Eva e Lilith em uma única mulher, as bruxas e Atena. Respeitando a divisão em subunidades do LOONA, assim como buscando

coerência analítica, a presente pesquisa está delimitada de modo a considerar como se dá a construção imagética das bruxas¹ e de Atena.

A priori, provou-se imprescindível reconhecermos a organização em fases nas quais o loonaverso se sustenta. Uma vez que a autora já explorou tal estruturação (RIBEIRO, 2023), retomaremos as conclusões feitas a partir da identificação, seleção e análise de materiais que possuíam elementos-chave para uma compreensão panorâmica do loonaverso. Igualmente, considerando suas diferentes naturezas — *teasers* fotográficos e em vídeo, videoclipes, site e descrições verbais —, revisitaremos as funções que exercem na narrativa.

Nessa pesquisa antecedente, identificamos que o material mais expressivo na apresentação da história do loonaverso são os videoclipes, de modo que recorremos aos estudos de Thiago Soares, em *A estética do videoclipe* (2013), para entendermos melhor as especificidades de sua linguagem. Já para compreendermos como o estabelecimento da narrativa do loonaverso se dá em nível estrutural, utilizamos a bibliografia essencial aos estudos da transmídia, *Cultura da Convergência* (2009), de Henry Jenkins. Para o mesmo fim, consultamos também “Narrativa Transmídia: modos de narrar e tipos de histórias” (2016), de Camila Figueiredo. Ainda, como instrumental para entendermos as questões feministas presentes na narrativa do LOONA, recorremos a Judith Butler e seu *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003).

Para entender os signos que fundamentam os perfis de mulheres aqui considerados, nos valem da semiótica peirceana, principalmente por meio de Lúcia Santaella e seu livro *Semiótica Aplicada* (2018). Para a leitura desses signos, consultamos o *Dicionário de Símbolos* (2020), proposto por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Como tratamos de perfis bem estabelecidos – a bruxa e a deusa Atena –, recorremos à obra de Umberto Eco, *História da Feiura* (2007), assim como a *The Encyclopedia of Witches, Witchcraft and Wicca* (1999), de Rosemary Ellen Guiley.

¹ Ainda que lidemos com um objeto de pesquisa cuja origem é asiática, notamos como a construção dos perfis de bruxa muito dialoga com referências ocidentais.

Para cumprir com os objetivos propostos, iniciamos este Trabalho de Conclusão de Curso com a contextualização do LOONA enquanto parte da cultura K-Pop. Feito isso, passamos, no segundo capítulo, à organização do grupo em fases, já sinalizando para sua estruturação midiática complexa e seu conteúdo audiovisual de temática feminista. Abordamos, ainda nesse capítulo, como seu universo narrativo é construído em mídias diferentes, sob a perspectiva da transmídia. Também, nos atentamos aos símbolos fundamentais do loonaverso, identificando as bases das subunidades que compõem o grupo. No terceiro capítulo, o foco está na Semiótica Peirceana, que norteará as análises apresentadas nos capítulos posteriores, quando retomamos a narrativa do loonaverso, com foco no avanço gradual de contato com a consciência feminista. Analisamos, no corpus selecionado, como a representação da bruxa e de Atena é feita imagetivamente por meio dos materiais audiovisuais envolvendo as três integrantes da segunda subunidade. Finalmente, considerando a visão panorâmica da narrativa, apontamos as contribuições do trio para a luta emancipatória das demais.

2. A TRAJETÓRIA DAS IDOLS NO K-POP

In the many unknowable paths / I follow
a dim light / It's something we'll do
together to the end / Into my new world.

— Girls' Generation

O termo K-Pop tanto remete à música popular sul-coreana, assim como, genericamente, a outros gêneros musicais, ainda que haja nomenclaturas específicas, como o K-Indie e o K-Rock. De fato, o K-Pop tem raízes múltiplas, absorvendo elementos de outros gêneros. Segundo o Serviço de Cultura e Informação Coreano, o KOCIS (2011, p. 99), “[n]a vila global, a troca cultural não é mais uma via de mão única. A cultura popular coreana é o produto de adoção e adaptação, do resultado da comunicação entre diversas culturas”. Tal movimento é percebido desde a primeira geração do K-Pop, com o trio Seo Taiji & Boys sendo fortemente influenciado pelo rap norte-americano. O grupo feminino Baby V.O.X, por sua vez, foi divulgado como o Spice Girls coreano. Assim, o gênero é alimentado por elementos e tendências tanto internas quanto externas, o que configura a Hallyu — ou a Onda Coreana, termo cunhado por jornalistas chineses (KOCIS, 2011, p. 11) —, “[...] uma recriação no estilo coreano da cultura aceita do exterior” (KOCIS, 2011, p. 15).

Há uma característica central que põe o K-Pop em evidência: o sistema *idol*. Criado e difundido por Lee SooMan, o fundador da empresa SM Entertainment, a necessidade do sistema surgiu (SEABROOK, 2012) com a diferença gritante na resposta da audiência coreana às apresentações de artistas internacionais, quando comparada com os próprios shows de Lee; o sucesso do sistema de treinamento seguido por Johnny Jimusho² no Japão; e o escândalo do primeiro artista bem-sucedido lançado sob o selo da empresa, Hyun Jinyoung, preso por consumo de drogas.

² Hiromu “Johnny” Kitagawa (1931-2019), fundador da Johnny & Associates, considerado “[...] a figura mais influente e poderosa da indústria de entretenimento do Japão” (KHALIL; CAI, 2023), começou a gerenciar grupos masculinos em 1962, ano de lançamento do quarteto Johnnys (CAMPION, 2005). Em 7 de setembro de 2023, 35 anos após as primeiras denúncias e impulsionada pelo documentário da BBC, *Predator: The Secret Scandal of J-Pop*, Julie Fijushima, sobrinha de Kitagawa e até então presidente da empresa, admitiu publicamente, após investigação independente, que o tio havia abusado por décadas de garotos sob sua supervisão. (KHALIL; CAI, 2023).

Chamado de *Culture Technology* pelo próprio Lee SooMan (SEABROOK, 2012), o sistema funciona por meio do recrutamento de jovens artistas, tanto em audições como de forma não planejada, quando um recrutador reconhece um *trainee* em potencial; do treinamento em si, de longa duração e em diversas habilidades (vocal, dança, rap, comportamento e outros mais específicos, como a capacidade de tirar boas *selcas*, como são chamadas as *selfies* na Coreia do Sul); da produção de conteúdos — músicas, videoclipes, moda etc. — e tendências, que muitas vezes são geradas pela SM, YG e JYP Ent.; e do gerenciamento ou marketing dos artistas, com o interesse em fazê-los desenvolver outros talentos e trabalhar em novos ramos, como na carreira dramatúrgica. Tal sistema é o alicerce do K-Pop.

Graças a esse legado e à enorme influência que mantém, a SM Entertainment é um dos três maiores conglomerados sul-coreanos de entretenimento. Associam-se a ela a YG Entertainment, fundada em 1996 por Yang Hyunsuk — um dos membros do Seo Taiji & Boys —, e a JYP Entertainment, criada em 1997 pelo cantor e compositor Park Jinyoung. O trio é comumente chamado de Big 3. Devido ao sucesso do grupo masculino BTS, a empresa HYBE (anteriormente Big Hit) é cotada como parte de uma possível Big 4, ainda que não haja consenso entre os critérios legado versus poderio econômico (HERMAN, 2021).

Já citada, a noção de geração no K-Pop está intimamente ligada às tendências do mercado externo e às demandas do público, doméstico e internacional. As mudanças na quantidade de membros em um grupo, nos lançamentos de solistas, na moda, nos meios de comunicação com os fãs, na sonoridade e na estética visual são facilmente percebidas com o passar das gerações. Critérios distintos são utilizados para apontar a transição entre uma e outra, mas podemos definir que já houve três gerações completas.

Além dos grupos já citados, a primeira geração tem como grandes nomes os grupos masculinos H.O.T, Shinhwa e SECHSKIES, assim como os grupos femininos S.E.S e Fin.K.L. Para a revista sul-coreana *Idology* (HIGHWAY STAR, 2020), tal geração tem início somente com a fundação em 1995 da SM Ent. e a estreia de H.O.T, em 1996. Nesse caso, Seo Taiji & Boys perde o pioneirismo por não ter sido formado no sistema *idol*. Em 2003, o grupo TVXQ dá início à

segunda geração com sua estreia. Juntam-se a ele os grupos masculinos Big Bang, Super Junior e SHINee, assim como f(x), 2NE1, Brown Eyed Girls (B.E.G), entre outros.

Reconhecendo as contribuições dos grupos pioneiros S.E.S, Fin.K.L e Baby V.O.X, é preciso apontar como suas existências estavam condicionadas à de versões femininas de grupos masculinos já lançados. Ainda, a associação à imagem romântica, fofo e passiva era comum, mesmo com tentativas de distanciamento, como no caso dos primeiros lançamentos de Fin.K.L e Baby V.O.X.

É então que, em 2007, ainda na segunda geração, KARA, Girls' Generation e Wonder Girls, respectivamente, iniciam suas atividades. Diferentemente de suas antecessoras, os grupos distanciam-se da ideia de “versão feminina” de seus companheiros de empresa, além de se promoverem fora do cenário sul-coreano. O perfil inocente ainda ecoa, principalmente nas produções do SNSD. Porém, não demora para que esse e outros grupos femininos amadureçam em questão sonora e imagética. Assim, na passagem para a terceira geração, entre 2009 e 2011, grupos como f(x), After School e 2NE1 trazem imagens menos convencionais, mais experimentais e maduras, ao mesmo tempo em que são joviais. Tal transição ocorre em paralelo ao advento do YouTube, o que permite o alcance maior à comunidade de fãs internacionais.

Em relação ao nível de influência, a cantora BoA, considerada a Rainha do K-Pop, já havia conseguido o feito de popularizar o gênero em território japonês no início da década de 2000, com apenas 14 anos (HIGHWAY STAR, 2020). O quinteto KARA, por sua vez, juntou-se a BoA como um dos grandes atos sul-coreanos no país. No período em que sua formação também era um quinteto, o Wonder Girls conquistou o marco de primeiro grupo sul-coreano a entrar na Billboard Hot 100, com a canção *Nobody* (HERMAN, 2018), o que garantiu também participações especiais em canais televisivos norte-americanos. Com um número de integrantes maior — nove, inicialmente —, o Girls' Generation foi intitulado o Grupo da Nação, também estabelecendo uma carreira sólida no Japão, além de se arriscar no mercado norte-americano.

Graças ao YouTube e às mídias sociais, ao longo da terceira geração, notamos como o gênero gradativamente se consolida como um mercado não

restrito apenas ao leste asiático ou à própria Ásia. Temos como exemplos o solista PSY e os grupos BTS, cuja estreia se deu em 2013, e BLACKPINK, lançado em 2016. A *Idology* (HIGHWAY STAR, 2020) aponta que, como consequência para a atual quarta geração, “[...] os produtos do k-pop não são produzidos pensando apenas no público coreano, mas têm um foco muito mais direcionado ao público global”. Por isso, nessa nova transição, encontramos um campo fértil para o início não apenas de carreiras, mas também de projetos inovadores.

É nesse contexto que a BBC lança seu primeiro projeto: LOONA, ou 이달의소녀 (pronunciado aproximadamente como “idarésônió”), traduzido literalmente como “Garota do Mês” ou “Garota da Lua” (달 significa ambos). Tendo estreado como um grupo completo somente em 2018, o LOONA é reconhecido como parte da quarta geração do K-Pop, e um dos nomes mais expressivos graças a sua popularidade internacional, adquirida por meio do carisma de suas artistas, da sua diversidade musical, sua estética e, em especial, da história que conta.

3. A GÊNESE DO LOONA

Desde o momento de sua idealização, o LOONA foi gerido como um projeto complexo, caro e inovador para o K-Pop. A seguir, apresentaremos como sua formação se deu de forma gradual, passando dos solos aos subgrupos, para, finalmente, tornar-se um grupo completo. Após, exploraremos como o LOONA se vale da transmídia para a construção da narrativa desenvolvida em seus materiais audiovisuais.

3.1. LOONA em fases

Com custos na pré-estreia que chegam aos 4 milhões de dólares (KOREABOO, 2017), o lançamento do LOONA (comumente estilizado como LOOΠΔ ou ◯□○ㄿㄿ), mostrou-se uma ideia ambiciosa desde o primeiro anúncio, em outubro de 2016, quando a BBC informou o formato e a duração da primeira fase: cada uma das doze integrantes lançaria trabalhos solo ao longo dos inicialmente previstos 12 meses.

Considerando os lançamentos Lado A em ordem cronológica, igualmente respeitando os nomes artísticos das integrantes, temos: *ViViD*, interpretado por Heejin; *Around You*, por Hyunjin; *Let me In*, por Haseul; *Kiss Later*, por Yeojin; *Everyday I Love You*, por ViVi; *Eclipse*, por Kim Lip; *Singing in The Rain*, por Jinsoul; *Love Cherry Motion*, por Choerry; *new*, por Yves; *Heart Attack*, por Chuu; *One&Only*, por Gowon; e *Egoist*, por Olivia Hye.

Tal período passou a ser de 18 meses, visto que o projeto passou também a prever o lançamento de subunidades: LOONA 1/3, LOONA/ODD EYE CIRCLE (OEC) e LOONA/yyxy (lê-se o *x* como *by* e o *y* também na pronúncia da língua inglesa, *why*). Anteriormente, a duração de uma pré-estreia era curta, sendo o caso do grupo masculino EXO, lançado em 2012, um dos mais notáveis pela quantidade de *teasers* lançados, que alcançou cinco meses. Junta-se a isso o fato de que o lançamento dos artistas como solistas, antes da formação de seus grupos, era feito em escala menor, sem promoções semelhantes às de solistas

sem grupo, podendo até mesmo não incluir todos os integrantes, como no caso do Lovelyz.

Além disso, a criação de subunidades é também um fato comum no K-Pop. Por exemplo, as integrantes Taeyeon, Tiffany e Seohyun, do Girls' Generation, formavam o TaeTiSeo, ou TTS. Um dos casos mais expressivos é o Orange Caramel, formado por Nana, Raina e Lizzy, pertencentes ao After School. Ao alcançar tanta popularidade com som e imagem diferenciados, voltados ao *nonsense*, Orange Caramel passou a distanciar-se do núcleo principal e dos outros subgrupos – After School Red e After School Blue –, sendo reconhecido como quase independente (JEFF, 2023). A diferença frente ao LOONA reside no momento de lançamento dessas subunidades, frequentemente após o início das atividades do grupo completo. Um exemplo semelhante ao LOONA é o grupo masculino NCT, formado desde a estreia, em abril de 2016, pela subunidade NCT U. Após, estrearam as NCT 127, NCT DREAM e WAYV. Até o momento, apenas três álbuns foram lançados pelo NCT enquanto grupo único (NCT, 2021).

Retornando ao LOONA, é preciso definir que a primeira fase, então, consistiu dos solos das integrantes, imediatamente seguidos pelos seus respectivos subgrupos: LOONA 1/3, após a estreia das cinco primeiras; o OEC, após a sexta, sétima e oitava; e o yyxy, após a estreia das quatro integrantes finais.

Finalmente, em 19 de agosto de 2018, a reunião do grupo para o álbum [++] (lê-se: *plus plus*, na pronúncia do inglês, traduzido para 'mais mais') marcou sua estreia oficial. A partir dessa data, o LOONA passou à sua segunda fase. Por questões judiciais envolvendo o não recebimento de salários e a criação de contratos com a Universal Music Japan sem o conhecimento das garotas, o LOONA chegou ao fim com as saídas graduais das integrantes. Com a remoção de Chuu em 25 de novembro de 2022, nove integrantes entraram com pedidos de liminar para suspensão de seus contratos exclusivos com a BBC, ação também tomada por Hyunjin e ViVi em fevereiro de 2023. Em 16 de junho de 2023, por ordem da Alta Corte de Seul (OLIVEIRA, 2023), as últimas cinco integrantes foram desligadas da empresa. Em apoio, os fãs realizaram um

boicote bem-sucedido, cessando a compra de produtos oficiais e a prática de *streaming*³.

Atualmente, o ODD EYE CIRCLE, em sua formação original, é parte do projeto ARTMS, da empresa Modhaus, gerenciada pelo criador do LOONA, o empresário Jaden Jeong. Em 12 de julho de 2023, a subunidade retornou aos palcos com o álbum *Version Up*. Junto ao trio, Heejin e Haseul também passaram a integrar o ARTMS. Chuu, por sua vez, está sob o selo da ARTP desde 7 de abril do mesmo ano (KIM, 2023). Ainda sem contrato assinado com outra empresa, Yves declarou que seguirá carreira solo (JAY, 2023). Por outro lado, ViVi, Hyunjin, Yeojin, Gowon e Hyeju (anteriormente chamada de Olivia Hye) passaram a formar o LOOSSEMBLE, quinteto gerenciado pela CTDEMN, fundada por Yoon Doyeon, antigo Diretor da Divisão de Planejamento da Blockberry (YEO, 2023).

Devido ao sucesso e à demanda dos fãs, notamos como a narrativa contada nos materiais audiovisuais do grupo permanece sendo um ponto forte para os novos projetos. O termo LOOSSEMBLE, por exemplo, é formado pela junção das palavras LOONA e *assemble* (juntar, em inglês), o que combina com a proposta do grupo: uma equipe intergaláctica em busca de suas amigas (CTDENM, 2023). Para compreender esse fenômeno, exploraremos a seguir as estratégias utilizadas na construção da narrativa do loonaverso.

3.2. LOONAverso e Transmídia

O LOONA é um grupo de K-Pop construindo sua própria visão do mundo: estas palavras abrem a descrição do videoclipe de *Sonatine* (LOONA1/3, 2017), canção principal de *Love&Evil*, segundo álbum lançado em fevereiro de 2017 pelo LOONA 1/3, após *Love&Live*. A partir dessa afirmação, são apresentados alguns dos conflitos que ligam as integrantes até então conhecidas, sendo um

³ *Streaming* “é o nome dado à tecnologia de transmitir dados, como vídeos e áudios, através da internet sem a necessidade de baixar o conteúdo em um dispositivo” (HAAS, 2023). A prática de ‘dar *stream*’ envolve a reprodução constante e – inúmeras vezes, por meio dos fãs clubes – organizada para que o álbum, a canção, o videoclipe, ou outros materiais, integrem listas de ‘mais ouvidos/vistos’ e batam recordes pessoais ou em determinada categoria.

de natureza juvenil, mas também filosófica: “o amor é algo doce? Ou é algo cruel?”⁴. Como aludido pelo jogo de palavras nos títulos dos álbuns — Evil (mal) enquanto anagrama de Live (viva) —, a sonoridade, os temas abordados no novo álbum e a estética visual sofrem alterações significativas. Mais do que isso, altera-se a duração da fase pré-estreia e oficializa-se a existência de um universo audiovisual próprio, o loonaverso.

Novamente, é preciso apontar a ocorrência de fatos semelhantes na indústria sul-coreana. O já citado EXO é um grande exemplo de grupo que possui narrativa própria em um sistema complexo, idealizada desde a estreia. Ainda em relação aos grupos masculinos, o próprio BTS também utiliza do recurso desde 2015 em parte de seus trabalhos, o que pode ser reconhecido por meio do selo BU (Bangtan Universe) (AISAWA, 2022). Igualmente, o grupo feminino T-ARA, lançado em 2009, apresentava histórias diferentes em seus videoclipes, mudando a narrativa de acordo com cada era musical. Mais recentemente, em 2019, o aespa, grupo feminino da SM Ent. — tal qual o EXO —, também estreou sob a premissa de expandir o universo próprio dos artistas da empresa que Lee SooMan afirma existir desde o lançamento, em 1997, de *Dreams Come True*, canção do S.E.S.

A diferença do LOONA frente a tais casos (principalmente antes da estreia do aespa) está na consistência, frequência e intencionalidade com que utiliza os elementos do loonaverso. Versões menores haviam sido anteriormente testadas pelo seu criador, Jaden Jeong, como no período em que geriu o grupo feminino Lovelyz.

Pelo conhecimento prévio do público que consumia os conteúdos produzidos em associação ao LOONA, já se especulava que havia um fio condutor interligando os lançamentos. Como argumento, podemos citar a colaboração entre as integrantes durante a pré-estreia. Heejin, a primeira, participa de *I'll be There*, *b-side* do álbum de Hyunjin, a segunda; isso vale para as demais *b-sides*, exceto para a versão acústica de *ViViD*, de Heejin, *Twilight*, de Kim Lip, e *D-1*, de Yves. Seja nas faixas ou nos videoclipes, incluindo os subgrupos, há participações especiais.

⁴ No original: “Is love something sweet? Or is it something cruel?” (LOONA1/3, 2017).

Mais do que uma estratégia de publicidade, com rostos familiares inspirando a aproximação do público às novas integrantes, isso permite que as narrativas pessoais sejam expandidas ao associar-se às histórias das demais. É dessa forma que são criadas redes de contato entre personagens de diferentes contextos e espaços. Para compreendermos quais contextos e espaços são esses, devemos levar em conta a própria divisão das unidades. O LOONA 1/3 é caracterizado como um "típico grupo feminino do K-Pop"⁵, visto sua associação à identidade inocente, romântica e passiva, construída desde as pioneiras S.E.S e Fink.L, enquanto as três garotas do LOONA/ODD EYE CIRCLE são dadas como "estranhas"⁶, ao negarem a espera do grupo anterior. Já o LOONA/yyxy diferencia-se ao descobrir que o ego "não é decidido ou feito por outro alguém, mas ao amar a si próprio"⁷.

Tais características definem os conteúdos dos diferentes materiais produzidos. Há uma ambientação nas fotografias *teasers* do 1/3 que é distinta daquelas do OEC, por exemplo. O loonaverso é desenvolvido em mídias e textos diferentes: as fotos e os vídeos *teasers*; os videocliques; as descrições verbais no Youtube, X (ex-Twitter) e Instagram; as sessões do evento *Cinema Theory*, realizado em salas de cinema da Coreia do Sul, no qual há a interação direta com os fãs e a apresentação de materiais exclusivos; e um site. Tal característica conversa com a descrição feita por Jenkins (2009, p. 141) de que "[u]ma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo". Antes de verificarmos se essa autonomia é respeitada no loonaverso, atentemo-nos à natureza de sua história.

Segundo Soares (2013, p. 92), o videoclipe, enquanto produto cultural midiático, tanto é gerado "em função de certas regras de gêneros musicais quanto obedecendo à própria narrativa imagética de um determinado artista". Por motivos comerciais e artísticos, a imagem de um artista é desenvolvida tendo

⁵ No original: "While 'Love&Live (지금, 좋아해)' was a typical K-pop girl group track with lovely emotions, 'Sonatine (알 수 없는 비밀)' mesmerizes the audience with mystical melodies unexpected for a K-pop girl group" (LOONA1/3, 2017).

⁶ No original: "ODD EYE CIRCLE's musical story told by three odd girls have just started" (LOONA/ODD, 2017a).

⁷ No original: "However, they all come to a realization that ego isn't decided or made by someone else, but is complete by loving oneself" (LOONA/YYXY, 2018).

em vista um público consumidor. Dessa forma, o videoclipe também tem sua composição músico-imagética modelada de acordo com as questões sociais vividas pelo seu público (SOARES, 2013, p. 178), o que comprovamos com LOONA.

Pode-se pensar que, uma vez que é um grupo feminino, sua *fanbase* é consequentemente composta por mulheres. No K-Pop, entretanto, devido às estratégias adotadas na divulgação dos artistas, é comum que grupos femininos possuam grande número de fãs homens, e vice-versa. Como possível causa mais imediata, está a ideia vendida pelas empresas dos *idols* enquanto modelos de namorados e namoradas ideais, reforçada pela cultura de *fan service*, em que o artista age de maneira pensada para agradar os anseios dos fãs, incluindo formas de flerte. Frente a esse cenário, sem ignorar a prática do *fan service*, o LOONA junta-se a outros grupos que, por adotarem temáticas feministas e/ou estéticas incomuns para *idols* mulheres, garantem que grande parcela de seus fãs também seja deste gênero⁸. Porém, tais temáticas não são exclusivas desses grupos, como nos casos de *The Boys* (2011), do SNSD, e *Female President* (2013), do Girls' Day, entre outros.

Sabendo disso, voltemos à questão da autonomia dos textos que compõem o loonaverso. Sem dúvidas, tanto pela sua duração, quanto pela complexidade de sua linguagem, é o videoclipe a mídia em que o loonaverso mais progride. Formado pelas esferas músico-imagética, acaba por envolver a letra musical como um possível guia para sua criação. Uma vez que "[...] tanto a imagem como a canção podem agregar valor ao produto final, essa hierarquia irá variar de acordo com as especificidades de cada videoclipe" (SOARES, 2013, p. 104). Para compreendermos como essa organização se dá nas produções audiovisuais do LOONA, devemos nos atentar às duas formas de se interpretar seus conteúdos. As letras das canções abordam temáticas, em sua grande maioria, românticas. Enquanto Hyunjin admite a falta de coragem para se declarar à pessoa amada em *Around You*, Kim Lip canta um amor quase erótico

⁸ Em 2021, 51,53% dos fãs usuários do Reddit eram mulheres, frente aos 33,60% de homens e 8,05% de pessoas não binárias. Disponível em: https://www.reddit.com/r/LOONA/comments/tsjpyk/2021_rloona_orbit_census_results/. Acesso em: 17 mar. 2023.

em *Eclipse*. Porém, o conjunto de imagens associado às canções nos videoclipes imprime novos significados às letras.

Para isso, são utilizados símbolos recorrentes e referências a outros textos, já comuns ao público, ou menos imediatos para reconhecimento. Alguns desses símbolos fazem aparições esporádicas, o que aumenta os valores que possuem e agregam à narrativa. O bracelete da amizade encontrado à porta de casa, no videoclipe de *Around You*, lançado em novembro de 2016, é visto sendo confeccionado por Gowon e Chuu no videoclipe de *SeeSaw*, apresentado em março de 2018 durante uma das sessões do *Cinema Theory*. É confirmada então a ideia de que o objeto era uma forma de comunicação entre as garotas, separadas em planos diferentes no universo. Assim, tal bracelete só ganha sentido mais de um ano depois do lançamento do solo de Hyunjin. Mais ainda, o desejo do encontro com alguém que a letra apresenta é redirecionado. Esta leitura que transforma o tom romântico das produções é presença constante nos demais videoclipes.

Enquanto importante recurso para que o videoclipe e o álbum musical tenham mais chances de alcançarem sucesso comercial, os *teasers* são materiais fotográficos e em vídeo que, como indicado pelo termo em inglês, provocam o consumidor a esperar pela e a interagir com a produção lançada posteriormente. As fotografias, publicadas nas redes sociais do grupo e utilizadas em *banners* físicos na estratégia doméstica de divulgação, acompanham legendas que depois se revelam trechos das músicas, ou são textos próprios. Uma importante característica do projeto pré-estreia é a ideia do *Who's next girl?*, ou "Quem é a próxima garota?", pergunta presente nas legendas das imagens publicadas antes da revelação da próxima integrante. Com acesso apenas a parte do corpo, rosto e/ou ambiente, os fãs eram levados a especularem não apenas sobre a identidade real da integrante, mas também sobre a contribuição de sua personagem no loonaverso.

Podemos, então, descrever tais fotografias — em ambas as fases — como o primeiro contato com os elementos mínimos da narrativa. A priori, é nelas que são apresentadas as cores associadas a cada integrante, algo que influencia a narrativa por meio de associações, assim como o espaço em que residem. Nos *teasers* solos, as integrantes que futuramente formariam o LOONA 1/3 aparecem

em locais de países diferentes, buscando a verossimilhança; este plano é chamado de Terra pelos fãs. No caso do OEC, os fundos das imagens são escuros ou brancos, reforçando a artificialidade do espaço. Por isso, é dito que elas habitam o Limbo. Já as garotas do yyxy são apresentadas em espaços diversos. Graças à legenda do segundo *teaser* de Yves⁹ e posteriores confirmações, é sabido que o plano que habitam é o Éden. Aliás, algumas das fotografias apresentam um *blur* ou um ruído visual que causa um efeito etéreo.

Tais informações são recuperadas nos demais materiais. As primeiras imagens divulgadas de Heejin, por exemplo, são feitas em jardins parisienses, onde ela posa com vestidos e adornos que lembram a vestimenta da realeza. Essa caracterização casa com a inspiração do videoclipe de *ViViD* em *Alice no País das Maravilhas*, obra escrita e ambientada, em suas primeiras páginas, na Inglaterra do século XIX. Tal qual Alice, Heejin sai do mundo real para visitar um outro, psicodélico.

Ou seja, há certa redundância no conteúdo apresentado pelas fotografias e pelos videoclipes. Todavia, há casos especiais em que os significados daquelas testam as leituras destes. Em seus primeiros *teasers*, a sexta integrante, Jinsoul, aparece em um vestido azul longo, de cabelo descolorido e em um espaço artificial que lembra uma floresta, cuja caracterização e ambientação são completamente diferentes das anteriores. Não demorou para que os fãs a descrevessem como uma bruxa. No quinto *teaser* (LOONA, 2017f), em sua saia está escrito "para criar algo novo, você deve primeiro destruir"¹⁰. Com essas informações, o papel exercido por Jinsoul foi interpretado como vilanesco, o que influenciou os sentidos atribuídos ao videoclipe lançado mais tarde.

Seguindo essa ideia, havia grande expectativa para a revelação da décima segunda e última integrante, Olivia Hye. O seu terceiro *teaser* (LOONA, 2018a) é acompanhado pela seguinte legenda: "eu posso te enganar"¹¹. Ainda, a cor utilizada na escrita de seu nome tornava-se mais escura a cada imagem, indo do branco ao preto, comumente associado às trevas e ao mal. Com isso, a

⁹ Diz a legenda: "O novo Éden criado por Yves" (LOONA, 2018c).

¹⁰ No original: "To create something new, you must first destroy".

¹¹ Em inglês: "I might deceive you".

interpretação mais imediata foi a de que se tratava de mais uma vilã. Por meio de frases vagas, símbolos e signos como esses, a narrativa brinca com a imagem da mulher subversiva, até mesmo levando o leitor à hipocrisia de ver como inimigas algumas das personagens mais ativas na luta pela libertação das demais.

Em relação aos *teasers* lançados em formato de vídeo, é importante ter em mente que há dois tipos: aqueles que tratam diretamente do videoclipe a ser lançado, e outros que são publicados sem essa finalidade, sob o rótulo de dois colchetes, anterior aos títulos. Ambos são peças audiovisuais que, cumprindo com a função comercial pretendida, marcam transições importantes na narrativa. Já na fase pós-estreia, há dois *teasers* [] que integram a mulher que consome as produções do grupo à história, denominados *For all LOONAs around the world* e *To all LOONAs around the world*, respectivamente.

É perceptível a importância das descrições verbais para a compreensão e confirmação de dados do loonaverso. Tal como para outros artistas, elas são utilizadas em sua perspectiva comercial de apresentar a sonoridade de cada álbum. Entretanto, informações audiovisuais também são completadas por meio desses textos, como o episódio em que Yeojin perde-se na floresta e precisa ser resgatada, citado na descrição do videoclipe de *Sonatine* (LOONA1/3, 2017). Em seu videoclipe, *Kiss Later* (2017, 2'41"), há uma cena muito rápida em que ela corre em direção ao escuro, mas a importância real deste fragmento no loonaverso só surge graças à descrição citada anteriormente.

Outra mídia em que se desenvolve a narrativa é o site. A priori, era apresentado na parte superior direita dos teasers fotográficos o endereço www.loonatheworld.com, onde é possível encontrar informações de contato profissional com a empresa e a cronologia dos lançamentos do grupo. No primeiro teaser de Yves, entretanto, o endereço apresentado passou a ser www.dlrowehtanool.com, a versão espelhada do anterior. Por motivos desconhecidos, esse site já não é mais acessível. Constituído de apenas uma página, apresentava, inicialmente, o *gif* de uma fita de Möbius, criada em 1858 pelo astrônomo alemão August Ferdinand Möbius. Objeto de valor para a Matemática, ela é conhecida pela sua estrutura que torna "[...] impossível

determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora" (FITA, 2018).

Para entender o valor desse elemento para a narrativa, devemos associar seu significado com informações anteriormente fornecidas. Temos uma pista inicial no primeiro solo, *ViViD* (HEEJIN, 2016). As imagens e a letra musical se associam e revelam o desejo de Heejin em desobedecer às ordens da patroa, liberando as cores que estavam presas em garrafas (2'49"), em um ato de rebeldia contra um cotidiano regrado. O looping entediante e limitador do qual fala ocorre graças à fita, considerando o espaço fictício: é nela que está estruturado o loonaverso. O fenômeno está, inclusive, presente na forma estilizada do nome do grupo: as letras gregas Π e Δ , respectivamente pi e delta, em $\text{LOOP}\Delta$ criam a palavra *looped*, entendida como aquilo que se encontra em um circuito fechado, repetido (LOOPED, s.d]). Aliás, o *looping* tem relevância física uma vez que outro elemento essencial da narrativa é a corrida: em inúmeros materiais, para quebrarem com o padrão de tempo e espaço, as integrantes são apresentadas correndo.

Também, podemos notar nos minutos 1'38" e 1'43" de *Girl Front* (LOONA/ODD, 2017a) como as integrantes do OEC utilizam pulseiras idênticas à fita. Tal aparição, até então inédita, importa quando reconhecemos que essa subunidade se opõe fortemente à premissa da primeira, o que indica sua existência em outro ponto da fita. Logo, o *gif* pode ser redundante para o público que conhece esses videoclipes, mas serve para confirmar uma informação até então tratada como teoria de fã.

Com a estreia da última subunidade, LOONA/yyxy, o site passou a apresentar outro *gif*. Dessa vez, tratava-se de uma fita de DNA modificada que explicava outro aspecto do nome do subgrupo (sigla para "juventude juventude pelo jovem"¹²): a proposta para criação de um novo gene que rompesse com as expectativas dos gêneros mulher e homem. Nesse caso, a informação era nova.

A partir dessa diversidade midiática, percebemos a tríade na qual a transmídia se apoia (FIGUEIREDO, 2016, p. 47): "a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva". Há a preocupação,

¹² Em inglês: "youth youth by young".

por parte dos produtores do loonaverso, em garantir a liberdade de exploração por parte dos fãs. Entretanto, as confirmações disponibilizadas aos poucos por meio das descrições verbais, principalmente, são maneiras estratégicas de guiar as leituras existentes. No contexto do K-Pop, é notável a necessidade sentida pelos fãs de ter suas teorias reconhecidas e validadas, algo raro de acontecer. Assim, o fornecimento dessas informações não é entendido como falha.

Além disso, segundo Figueiredo (2016, p. 58), é preciso que projetos transmidiáticos "[...] a. se situem em um mundo ficcional rico em detalhes; b. tenham bons personagens e uma estrutura episódica; e/ou c. possibilitem a busca por verossimilitude". Em relação ao primeiro item, citando a professora e pesquisadora de mídias digitais Janet Murray, Jenkins atenta para a importância da "capacidade enciclopédica" (JENKINS, 2009, p. 116) que as mídias digitais possuem e agregam às narrativas transmídia. No caso do LOONA, há uma diversidade de elementos associados às integrantes, às subunidades e ao grupo como um todo. Quanto aos símbolos fundamentais, temos os países para o LOONA 1/3, os olhos especiais para o OEC e as frutas para o yyxy. Para o grupo, a lua é o elemento central. A complexidade das relações estabelecidas entre essas informações leva à construção de mapas mentais por parte dos fãs. Um dos mais famosos, criado pelo usuário do Reddit, bragen, discute a teoria das cores¹³.

Quanto ao item "b", cada videoclipe e era musical podem ser entendidos como episódios de extensão micro e macro em que se fundamenta o loonaverso. Também, cada personagem possui uma narrativa própria baseada tanto em estados que permitem a identificação por parte dos fãs, como em figuras conhecidas no imaginário popular, como a já citada bruxa. E isso nos leva ao item "c", pois a narrativa parte de um lugar-comum que aproxima os conflitos vividos no mundo fictício à realidade da mulher real.

Em uma sessão do *Cinema Theory*, por exemplo, a apresentação de um vlog intitulado *Letter to Hong Kong* (YAMILETH BV, 2018) leva a um outro nível de verossimilhança. Nele, acompanhamos a integrante ViVi, a única estrangeira

13

Disponível

em:

https://www.reddit.com/r/LOONA/comments/8cglwd/another_crackhead_theory_based_on_the_physics_of/?utm_source=share&utm_medium=mweb3x. Acesso em: 17 mar. 2023.

do grupo, que compartilha com as demais meninas do 1/3 sobre a vida e a família em sua terra natal. Entretanto, no minuto 2'6", com a visita a um aquário, não sabemos mais se estamos assistindo a um conteúdo genuíno ou fictício: Jinsoul, ao fundo, vestida em seu uniforme característico e olhando intensamente para os peixes, está interpretando sua personagem. Dessa forma, as sessões, além de promoverem "[...] a interação com o público, [...] confundem as fronteiras entre o mundo ficcional e o real" (FIGUEIREDO, 2016, p. 58).

Logo, considerando as funções exercidas por esses diferentes textos e mídias, percebemos o loonaverso como um projeto potencialmente transmidiático. Ainda que não cumpra completamente com as características propostas por Jenkins, dialoga com pontos importantes da narrativa transmídia.

Por outro lado, mais do que critério cumprido para tratar-se de uma narrativa transmidiática, a riqueza de simbologias no loonaverso é de grande valor para a compreensão dos perfis de mulheres apresentados e representados pelas integrantes. Nesta subseção, levantamos alguns traços referentes à segunda subunidade, ODD EYE CIRCLE, cujas integrantes constituem nosso foco analítico. Para trabalhar com tais elementos, optamos pela semiótica proposta por Charles Sanders Peirce, apresentada a seguir. [OBJ]

4. SEMIÓTICA SEGUNDO PEIRCE

Os sistemas e as particularidades dos signos são objetos de questionamento e investigação desde o mundo grego, o que figura a chamada semiótica implícita, anterior ao estudo científico das semioses – isto é, “a ação do signo, [...] a ação de ser interpretado” (SANTAELLA, 2018, p. 83) – iniciado no século XX (SANTAELLA, 2018, XV). Essa semiótica explícita também não é unitária, pois é desenvolvida de maneiras distintas por estudiosos diferentes, dos quais destacamos Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, filósofo e matemático norte-americano. Na introdução de *Semiótica Aplicada* (2018), Lucia Santaella, um dos nomes mais notáveis nos estudos semióticos brasileiros, alerta para a grandiosidade da proposta de Peirce:

[...] quando vistas à luz das fundações filosóficas nas quais estão enraizadas, as classificações peirceanas de signos não aparecem como meras classificações em estrito senso, mas como padrões que incluem, de acordo com Buczynska-Garewicks (1983: 27), todos os aspectos ontológicos epistemológicos do universo sógnico: o problema da referência, da realidade e ficção, a questão da objetividade, a análise lógica do significado e o problema da verdade.

Baseada na fenomenologia, a semiótica, enquanto sinônimo de lógica, possui três ramos: a gramática especulativa, voltada ao estudo dos tipos de signos; a lógica crítica, cujo foco está nos tipos de inferências, raciocínios e argumentos (a abdução, a indução e a dedução), essenciais à Retórica; e a retórica especulativa ou metodêutica, interessada nos métodos que os tipos de raciocínios originam.

Peirce concluiu que há três elementos universais nos fenômenos, sendo estes entendidos aqui como tudo que surge à percepção e mente. São eles: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. Segundo o estudioso, “o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete)” (SANTAELLA, 2018, p. 7). Ainda, a noção de signo aqui adotada não se restringe às linguagens escrita, pictórica,

fotográfica, e outras, mas também considera ações, reações, emoções e “[...] qualquer sentimento ainda mais indefinido do que uma emoção, por exemplo, a qualidade vaga de sentir ternura, desejo, raiva etc.” (SANTAELLA, 2018, p. 10).

Para a leitura dos signos cada vez mais abundantes no cotidiano, Santaella propõe o uso da gramática especulativa, sem desconsiderar a pretensão original de Peirce. Esse ramo é a base para os demais, uma vez que “[...] é uma teoria geral de todas as espécies possíveis de signos, das suas propriedades e seus comportamentos, dos seus modos de significação, de denotação, de informação e de interpretação” (SANTAELLA, 2018, p. 4).

Como vimos, há três prioridades formais de bases fenomenológicas, comuns a todas as coisas, para que estas possam funcionar como signo: “sua mera qualidade, sua existência, quer dizer, o simples fato de existir, e seu caráter de lei” (SANTAELLA, 2018, p. 12). Existem, assim, qualissignos, sinsignos e legissignos.

A priori, o signo, sendo “[...] qualquer coisa de qualquer espécie [...]” (SANTAELLA, 2018, p. 8), age como o representante de uma outra coisa, o seu objeto, e produz efeito interpretativo. Se a relação entre signo e objeto tiver como fundamento uma qualidade, lidamos com um ícone. Por exemplo, as nuvens não estão ligadas aos animais, mas as cadeias de associação feitas por quem as observa lhes confere tais formas. Os signos icônicos são divididos em: imagem, quando há relação de semelhança no nível da aparência (por exemplo, a imagem de um gato pode representar esse objeto); diagrama, a partir da relação de similaridade entre as relações internas que o signo exhibe e as relações internas do objeto (como um mapa das estações do metrô, ou um gráfico demonstrando a taxa de crescimento da inflação); e metáfora, quando a relação de similaridade está no significado do representante e do representado (quando associamos uma moça a uma flor, por exemplo).

Se a relação for entre signo e objeto existente, temos um índice. Aqui, é importante destacarmos a diferença entre os objetos dinâmico e imediato: o primeiro é algo real e completo, como um estádio de futebol, ao passo que o segundo é o recorte feito em uma fotografia, como um dos portões do dito estádio. Por isso, o objeto imediato é “[...] o modo como o signo representa ou indica ou, ainda, sugere o objeto dinâmico” (SANTAELLA, 2018, p. 16).

Podemos apontar três tipos de objetos imediatos (OI): o descritivo, que determina seus objetos dinâmicos; o designativo, que leva o intérprete a pensar no objeto dinâmico; e o copulante, que expressa as relações lógicas do OI com seu objeto dinâmico. Igualmente, objetos dinâmicos (OD) podem constituir três tipos de relação: descritiva, quando o OD é um possível e o signo é um abstrativo (por exemplo, a palavra beleza “[...] é um signo abstrativo que tem por objeto imediato um descritivo cujo objeto dinâmico só pode ser um possível, ou seja, todas as coisas que foram, são e serão possivelmente belas” (SANTAELLA, 2018, p. 16)); designativa, quando o OD é uma ocorrência, algo real ou acontecimento do tempo passado ou futuro, o que implica o signo como um concretivo; e copulante, quando o OD é um necessitante, algo de caráter geral, um tipo, e o signo em si é um coletivo.

Por outro lado, se a relação estiver baseada em uma lei, tratamos de um símbolo. As palavras, por exemplo, são símbolos por pertencerem a um sistema que determina suas operações.

Além dos signos e dos objetos, outro conceito importante é o do interpretante, cujos tipos também são três. O tipo imediato é interno ao signo e trata-se do potencial interpretativo do signo antes de encontrar um intérprete, como nos livros, possuidores de potencial para serem interpretados, pois suas palavras carregam significados que podem ser acessados e efetivados.

Já o tipo dinâmico considera o efeito que o signo efetivamente produz em um intérprete particular. Seu primeiro nível é o emocional, quando o signo está apto a produzir o efeito de "uma simples qualidade de sentimento" (SANTAELLA, 2018, p. 24). Alguns ícones produzem tal efeito com mais intensidade, como as músicas, os poemas. O nível energético corresponde ao efeito de ação física ou mental, produzidos com maior intensidade pelos índices, pois chamam a atenção e dirigem nossos corpos e/ou retina mental em direção ao objeto que indicam. As placas de trânsito são exemplos disso. No caso do nível lógico, "[...] o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete" (SANTAELLA, 2018, p. 25). Para exemplificar, Santaella (2018, p. 25) cita o hino nacional, pois ele “[...] só simboliza o Brasil para quem internalizou essa convenção”. Interno a esse nível, também temos o interpretante lógico último. Considerando que a transformação das interpretações seria barrada pela

dependência e conformação frente às regras já internalizadas, esse outro interpretante leva em conta as mudanças de hábito.

Retornando aos tipos de interpretantes, há o final, entendido como o "[...] resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os integrantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último" (SANTAELLA, 2018, p. 26). Tal façanha não é possível, mas trata-se de um limite pensável. Quando, na relação com o interpretante final, o signo for de possibilidade qualitativa, então ele é um rema e, por isso, remas são prioritariamente icônicos e hipotéticos. Como no exemplo anterior das nuvens, teremos um rema quando julgarmos ter encontrado uma similar a uma borboleta. Caso o signo tiver existência real, ele é um dicissigno e estamos lidando com um interpretante final do tipo dicente, como no caso comprovável da trave em um campo de futebol. Por outro lado, "[p]ara o seu interpretante, o argumento é um signo de lei" (SANTAELLA, 2018, p. 26)".

Assim, vemos a complexidade do interpretante, já que seus níveis "[...] incorporam não só elementos lógicos, racionais, como também emotivos, sensórios, ativos e reativos [...]" (SANTAELLA, 2018, p. 27). Notamos também como não devemos confundir interpretante com intérprete, ainda que este faça parte do processo interpretativo. Aliás, Peirce (SANTAELLA, 2018, p. 22) desenvolveu o conceito de experiência colateral, referente ao conhecimento prévio do leitor, entendido aqui como não restrito ao sentido literário. Os diferentes recortes feitos em outros textos sobre um mesmo objeto dinâmico podem ser acessados, e o contato com cada um enriquecerá leituras futuras. Por exemplo, a própria leitura *Semiótica Aplicada* (2018), de Lucia Santaella, e de outros textos sobre a semiótica peirceana pode ser um facilitador para a leitura dos escritos originais do teórico, traduzidos ou no idioma original.

A partir desses conceitos, analisaremos no próximo capítulo a forma como os perfis da bruxa e de Atena são construídos por meio das simbologias associadas às três integrantes da subunidade ODD EYE CIRCLE.

5. O FEMINISMO NO LOONA

Em um grupo de 12 integrantes e personagens, como no caso do LOONA, as identidades apresentadas e representadas são inúmeras. No subcapítulo 3.2, vimos as definições de cada uma das subunidades, oficializadas pelas descrições dos videoclipes no YouTube. A divergência é nítida em uma tríade tão diversa, formada por um quinteto terreno, um trio místico e um quarteto etéreo (LOONA, 2019). Porém, respeitando o caráter feminista da narrativa, as ações tomadas por cada uma delas são igualmente essenciais.

Considerado o estereótipo dos grupos femininos no K-Pop, graças à forte influência que as artistas da primeira geração têm sobre si, o LOONA 1/3 é responsável pela guinada inicial da luta emancipatória no loonaverso. Os símbolos fundamentais são apresentados já pela primeira integrante, Heejin (2016), em *ViViD*. Deixada sozinha pela patroa que a ordena que limpe a casa até sua volta, ela canta¹⁴: “Todos os dias, há um flash no meu coração/ Um arco-íris brilhante/ O mesmo filme em preto e branco é chato”¹⁵. É essa luz que emana de si que reflete nos vidros das garrafas encontradas durante a tarefa, espalhando cores fortes pelos cenários e chegando ao ápice em que tudo parece ter virado borrões das cores primárias. O tédio monocromático dá lugar à excitação colorida e cintilante. Ainda, a noção de animal representativo também está presente, uma vez que, tal como Alice no País das Maravilhas, a garota também segue o Coelho e encontra uma nova realidade (HEEJIN, 2016, 27”-36”).

Ou seja, há em Heejin o desejo da mudança que é também o da desobediência. Curiosamente, a patroa é interpretada, em vestimentas tradicionais e com trejeitos elegantes, pela própria. Considerando o caráter feminista da narrativa, a importância desse detalhe está na observação de que nenhum inimigo — ou quem julgamos ser inimigo — no loonaverso é do sexo masculino. Podemos dizer que a figura regrada da senhora da casa é aquela

¹⁴ Utilizamos as traduções do coreano para o inglês disponibilizadas nos videoclipes publicados no YouTube.

¹⁵ Em inglês: “Every day, there's a flash in my heart/ A shining rainbow/ The same black and white movie is boring”.

apresentada ao exterior, ao meio social. No interior, temos uma figura vivaz, sonhadora e curiosa que busca vencer seu verdadeiro malfeitor: o *looping* do qual fala, responsável pela repetição infundável dos dias, das expectativas e das emoções. Assim, o foco em *ViViD* está na negação de um sistema opressor. Inclusive, na marca dos 12”, quando as cores são reveladas, descobrimos como seu uniforme amarelo e roxo muito lembra a vestimenta do Chapeleiro Maluco. Tal associação demonstra a “loucura” necessária para se ir contra o padrão.

Assim, a simplicidade e as características terrenas, como podemos dizer, do 1/3 não se traduzem em inferioridade e negligência. É do rosa-choque que surgem o vermelho, o laranja, o amarelo e o verde¹⁶. São essas as cores das companheiras de subunidade de Heejin, residentes do plano Terra: ViVi, Yeojin, Hyunjin e Haseul, respectivamente. É importante apontar que, embora a letra cite o vermelho para ViVi, a sua cor representativa sofreu alteração para rosa-pastel. Em seus trabalhos, também é possível encontrarmos reflexões que não se conformam a essa imagem pré-concebida. Em *Kiss Later* (YEOJIN, 2017), por exemplo, Yeojin é assertiva quanto ao consentimento: “Pare de me assustar/ Sem aviso/ Não ponha seus lábios nos meus/ Está rápido demais/ Apenas abrace-me/ Beije depois”¹⁷.

De qualquer forma, ao liberar as cores que estavam engarrafadas e seguir o Coelho, Heejin principia o movimento de negação do *looping*. Reconhecemos aí mais um elemento vital ao loonaverso: a corrida. Após *ViViD*, em quase todos os videoclipes de ambas as fases é possível encontrar cenas em que as integrantes correm, sob contextos diferentes, como uma forma de quebrar com o padrão de repetição imposto pela fita de Möbius.

Ainda assim, como evidenciado pelas letras musicais e/ou cenas dos videoclipes solos lançados pelas integrantes do 1/3, nunca há a real resolução do problema vivido: Heejin permanece subordinada à patroa, Hyunjin volta para casa com as cartas endereçadas ao amado, Haseul espalha novamente os diamantes ao longo do caminho que usará para atacar seu outro eu, Yeojin não

¹⁶ Em inglês: “Red, orange, yellow, green/ More vividly be, okay?” (HEEJIN, 2016).

¹⁷ Em inglês: “Stop scaring me/ Without warning/ Don’t put your lips on mine/ It’s too fast/ Just hug me/ Kiss later”.

beija seu sapo encantado, e ViVi só pode esperar novamente pela iniciativa do rapaz de quem gosta. Porém, isso muda com o ODD EYE CIRCLE.

Enquanto o 1/3 reconhece a necessidade de se quebrar o *looping*, a segunda subunidade age para cumprir com o objetivo. Como já discutimos, esse trio pertence ao Limbo e Jinsoul é considerada uma bruxa, o que se estende à identidade de suas companheiras. Em concordância, os trabalhos lançados pelas integrantes do OEC possuem sons e imagens associados ao oculto, o que notamos no próprio nome (ODD formando a imagem da lua em suas fases cheia (O), crescente (D) e minguante (D)). Como no 1/3, encontramos cores e animais próprios: vermelho e coruja para Kim Lip; azul e preto, e peixe betta para Jinsoul; roxo e branco, e morcego frutífero para Choerry. Dessa vez, citamos os símbolos por interesse no impacto que causam na narrativa e na recepção do público. É notável o emprego desses elementos com uma consciência até então nunca aplicada. Assim, nos materiais audiovisuais, o contraste entre cores tão vibrantes em fundos preto e branco, característicos do espaço onde vivem, impede que se ignore as implicações que as cores trazem.

Além disso, é a partir de suas personagens que novos elementos são introduzidos: os cabelos descoloridos de Kim Lip e Jinsoul como indicadores de sabedoria e autonomia; e a noção de portais que ligam os planos do loonaverso, como a fruta e os espelhos de Choerry. Como veremos adiante, as integrantes do OEC possuem a capacidade essencial de interferir, em certo grau, no padrão em que todas vivem. Seus dias não são os mesmos sempre, pois podem visitar as demais, o que conseqüentemente causa mudanças na vida daquelas presas a seus planos. Além disso, Kim Lip pode controlar o tempo, como pode ser comprovado no início do videoclipe de *Girl Front* (LOONA/ODD, 2017a), quando manuseia uma fita cassete e a rebobina, o que lhe permite encontrar a si mesma. Assim, por meio de frutas, espelhos e fitas cassete, o trio põe em prática a quebra do *loop*.

Entretanto, as conseqüências desse movimento são sentidas de maneiras distintas pelas outras quatro integrantes finais. No videoclipe de *love4eva* (LOONA/YYXY, 2018), temos a referência direta ao filme *As Patricinhas de Beverly Hills*, dirigido por Amy Heckerling e lançado em 1995, cujo enredo gira em torno dos conflitos adolescentes de uma garota popular. A protagonista Cher,

julgando ter o direito e dever de agir como cupido, decide transformar o visual e as relações sociais da novata Tai. Acaba, todavia, tendo sua popularidade diminuída e entra em atrito com a moça.

De uniformes amarelos idênticos ao usado por Cher, as garotas do LOONA/yyxy convivem em uma espécie de instituto apenas para mulheres. Há uma figura de autoridade — uma mulher mais velha — que acompanha seus passos e lhes castiga caso descumpram as regras. Negando esse controle, Yves se ausenta repetidas vezes para visitar a floresta, mesmo que seja repreendida na volta (LOONA/YYXY, 2018, 53¹⁸). Como dito na subseção anterior, o espaço em que o quarteto vive é o Jardim do Éden, o que torna a autoridade uma figura divina, ao passo que a floresta é a desejada Árvore do Conhecimento.

Pode-se pensar que a floresta seria o próprio Éden, mas em *One&Only* (GOWON, 2018, 1'21"-1'28"), o décimo primeiro solo, Gowon diz: “Eu não preciso de nenhum Jardim do Éden/ O tempo em minhas mãos/ significa que já estou no Paraíso”¹⁸. Igualmente, a legenda da primeira fotografia em *teaser* de Yves faz referência à tentação da Eva bíblica: “Yves, morda uma maçã”¹⁹. O segundo *teaser* traz a consequência disso: “O novo Éden criado por Yves”²⁰. Assim, negam o *status quo* de pertencimento a esse espaço. Além disso, o interesse na floresta é explicado pela função que esta exerce enquanto ponto de transição: é ao lado dela que Choerry vê brevemente Kim Lip pela primeira vez; é nela que Yeojin se perde, logo após seu suposto encontro com Choerry. É, então, a passagem entre os três espaços da narrativa.

Por um lado, a missão de Yves em levar Chuu e Gowon a consumirem seus frutos proibidos para atingir a iluminação é nobre e a distancia do seu animal representativo, o cisne branco, passivo e subjugado. Todavia, a passagem para sua contraparte negra também carrega o traço do mal.

Em meio ao movimento de libertação, percebemos como o trio resiste à inclusão de Olivia Hye. Entretanto, há nela também o mesmo desejo de lutar contra o sistema, como vemos na sua visita solitária à floresta após a fuga do

¹⁸ Em inglês: “I don’t need no Garden of Eden/ The time in my hands/ means that I’m already in heaven”.

¹⁹ No original: “Yves, bite an apple” (LOONA, 2018b).

²⁰ Em inglês: “The new Eden created by Yves” (LOONA, 2018c).

trio (LOONA/YYXY, 2018, 3'23"). Graças a esse pecado, em *Egoist* (HYE, 2018) ela é apresentada como um anjo caído (5" e 3'37") que busca sua iluminação ao exercitar o amor-próprio. Como dito na subseção anterior, as simbologias que giram em torno de Olivia montam uma imagem intimidadora: sua cor é o preto, seu animal é o lobo, o predador, e sua fruta é a ameixa sanguínea. Surge, assim, o preconceito que distorce suas intenções e seu verdadeiro caráter. Como aponta Butler (2003, p. 19), “[a] crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação”.

Tais informações, em concordância com a cronologia de apresentação das subunidades, nos revelam a formação gradual da consciência feminista, envolvendo desde o reconhecimento da opressão até a avaliação do próprio movimento emancipatório. No ponto de transição, temos a repaginação proposta pelo ODD EYE CIRCLE. Vivendo entre os planos humano e etéreo, as maneiras como exercem seus papéis de bruxas são distintas: Kim Lip detém a liderança e associa-se à imagem da deusa grega Atena; Jinsoul é responsável por recrutar reforços, associando-se àquelas integrantes mais discriminadas dentro da narrativa; e Choerry é uma bruxa aprendiz, cuja missão de busca pelas demais também envolve a garantia de que todas alcancem a iluminação.

Tais maneiras de ser são construídas por meio de informações disponibilizadas nos diversos textos que compõem a narrativa do loonaverso. Podemos demarcar semelhanças e distanciamentos frente aos perfis apropriados, especialmente quando nos debruçamos sobre as simbologias presentes nas produções do subgrupo. Como vimos, a noção de cores e animais representativos é essencial para sua identidade visual e, conseqüentemente, as histórias que conta.

Por outro lado, a própria formação em trio é curiosa, uma vez que a bruxa costuma ser retratada acompanhada por outras duas. Na mitologia grega, Hecate, a deusa da magia e da bruxaria, é por vezes descrita como a Deusa Tripla. Suas três cabeças – uma da deusa Selena, a outra da deusa Artemis, e a terceira da própria Hecate – lhe permitem guardar os caminhos que se abrem nas encruzilhadas (GUILLEY, 1999, p. 158-159). O padrão é visto também em

obras como os quadros *As três parcas* (1550), de Francesco Salviati, e *Macbeth e as três bruxas* (1855), de Théodore Chassériau, e na xilogravura intitulada *Três bruxas com cabeça de asno, galo e cão*, datada de 1489 e feita por Ulrich Molitor.

Quadro 1 – *As três parcas*



Fonte: ECO (2007, p. 215).

Quadro 2 – *Macbeth e as três bruxas*



Fonte: ECO (2007, p. 209).

Xilogravura 1 – Três bruxas com cabeça de asno, galo e cão



Fonte: ECO (2007, p. 204).

A seguir, respeitando as particularidades de cada integrante do OEC, analisaremos semioticamente seus elementos sógnicos associados.

5.1. A bruxa que sabe

Kim Lip, cujo real nome é Kim Jungeun, é a sexta integrante do LOONA e estreou em 15 de maio de 2017. Frente aos cinco primeiros lançamentos, suas faixas – *Eclipse* como lado A e *Twilight* como lado B – marcaram uma brusca mudança na sonoridade até então estabelecida, cujo impacto também se vê nos videoclipes. É certo apontarmos que cada uma das integrantes anteriores se associou a gêneros musicais diversos, como a inspiração de *ViViD* no *jazz* e o eco da ópera em *Let Me In*. Todavia, a sensualidade e sobriedade surgem em som e imagem junto a Kim Lip.

Seguindo o padrão estabelecido anteriormente e mantido ao longo de toda a primeira fase do grupo, sua primeira aparição foi por meio de *teaser* do tipo *Who's next girl?*, no qual vemos seu rosto apenas até a altura de sua boca, pintada com batom vermelho, trajando uma camiseta da mesma cor e deitada em um tapete vinho:

Fotografia 1 – Teaser Garota de Maio

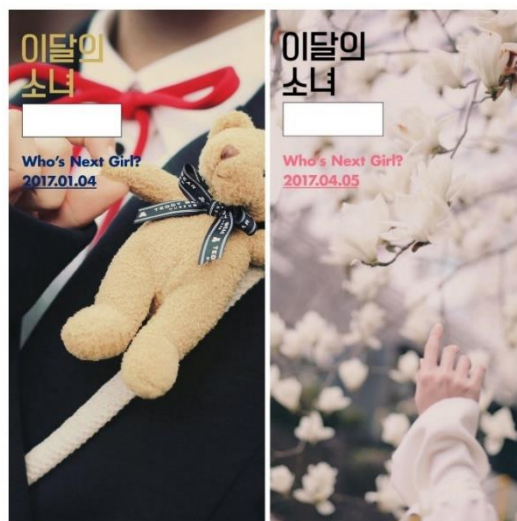


Fonte: LOONA (2017b).

Por convenção, o vermelho carrega significados antônimos: amor e guerra; vida e morte, a depender da maneira como o sangue é apresentado (correndo nas veias ou derramado, por exemplo). Para Chevalier e Gheerbrant, o tom mais escuro, aqui visto ao fundo na tapeçaria, é “[...] noturno, fêmea, secreto [...]” (2020, p. 1029), além de ser “[...] a cor da alma, a da libido, a do coração [...]” e “[...] matricial, uterino” (2020, p. 1030). Por outro lado, o tom vivo que invade grande parte da imagem, entendido como “[...] vivo, diurno, solar, centrífugo [...]” é convidativo, quente e “a imagem [...] de Eros livre e triunfante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 1031). Assim, como veremos em sua associação a outros elementos da fotografia, a cor vermelha deixa de ser um mero qualissigno de significados hipotéticos, passando a ser assimilada por meio de “[...] uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete” (SANTAELLA, 2018, p. 25) e compartilhada, o que lhe confere caráter simbólico.

Em um primeiro momento, a leitura desse símbolo é influenciada pelo recorte bem definido do objeto dinâmico (OD) – Kim Lip deitada. Em diálogo com o símbolo, o enquadramento da fotografia – que confere o objeto imediato (OI) do OD – reforça a noção de sensualidade do vermelho feminino e sensual, uma vez que tanto seu tronco ocupa a maior parte do espaço registrado, como a única parte visível de seu rosto são os lábios. Essa é uma escolha que chama a atenção quando a comparamos, por exemplo, aos *teasers* de Yeojin e ViVi, respectivamente apresentadas nos meses anteriores:

Fotografia 2 – Teasers Garota de Janeiro e Garota de Abril



Fonte: LOONA (2016; 2017a).

Outro índice é o cabelo loiro de Kim Lip, um visual novo para o grupo. As únicas ocorrências anteriores de cabelos tingidos envolviam a terceira integrante, Haseul, cujo outro eu utiliza uma peruca curta e descolorida, e as madeixas rosa-pastel da quinta integrante, ViVi, visto que ela é um androide, não um humano “natural”. Inúmeros são os exemplos na cultura popular em que o cabelo loiro em uma mulher denota beleza e sensualidade, ao mesmo tempo que carrega o traço preconceituoso da superficialidade e ausência da intelectualidade. Podemos citar a comédia musical norte-americana *Os Homens Preferem as Loiras*, lançada em 1953, e sua estrela principal, Marilyn Monroe. Outras artistas também loiras e associadas a esse perfil, mesmo que não ao longo de toda a carreira, são as cantoras e *performancers* Madonna e Britney Spears, além da *socialite* Paris Hilton.

Por outro lado, como apontado por Chevalier e GHEERBRANT (2020, p. 629), a “[...] cor loira simboliza as forças psíquicas emanadas da divindade”, ao estar muito presente nos cabelos dos deuses do panteão grego, e é “[...] uma manifestação do calor e da maturidade [...]”.

Assim, com base nos elementos até aqui apresentados, o intérprete da fotografia, independentemente de seu nível de conhecimento do loonaverso, pode compreender a faceta *femme fatale* de Kim Lip.

Após a revelação da identidade de Kim Lip, seus *teasers* continuaram a explorar essa imagem. Dessa vez, suas roupas mais curtas e coladas, com estampas em referência a si própria, chamam a atenção em espaços de fundos preto ou branco, este colorido por um projetor. No *teaser Kim Lip #2*, notamos a presença do arco-íris. No quinto capítulo, vimos como Heejin, a primeira integrante, já cantava a existência de um arco-íris inato em *ViViD*. O significado desse signo icônico, entendido assim uma vez que a projeção feita na fotografia simula seu objeto dinâmico, é simbólico para o loonaverso. Ou seja, não tratamos apenas de cores em um fenômeno natural, mas de integrantes específicas: o amarelo de Hyunjin, o verde de Haseul, o vermelho de Kim Lip, o azul da próxima integrante a ser apresentada oficialmente, Jinsoul, e o roxo de Choerry, ainda não revelada.

Fotografia 3 – *Teasers Kim Lip #2 e Kim Lip #4*



Fonte: LOONA (2017a; 2017i).

Para diferentes culturas, o arco-íris é recorrentemente entendido como “[...] caminho e mediação entre a terra e o céu” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 124), podendo significar tanto a renovação cíclica, como “[...] preludiar perturbações na harmonia do universo [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 125). Até aqui, estabelecemos como a estreia de Kim Lip causa mudanças fundamentais na identidade construída pelo LOONA 1/3. Igualmente, o arco-íris citado por Heejin perturbou o estado até então de aceitação ou desconhecimento do *looping*.

Também, o espaço terrestre em que se passa a narrativa da primeira subunidade cede lugar a locais fechados, não verossímeis. Por exemplo, no mesmo tipo de *teaser*, lançado antes do lançamento de cada solo, Heejin foi apresentada em Paris, como já mencionamos, enquanto Hyunjin posava nas ruas de Tóquio, no Japão, e Haseul na Islândia. A escolha das cores preto e branco é de grande importância: enquanto esta pode significar tudo por abarcar todo o espectro de cores, e nada em sua neutralidade, aquela “[...] lembra a significação do [...] branco *vazio*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 817, ênfase dos autores). Nessa incerteza, depreendemos que Kim Lip encontra-se em outro plano, um possível limbo entre a Terra e outra dimensão extrema: o céu mencionado por Chevalier e Gheerbrant, o que será confirmado com a estreia da nona integrante, Yves, pertencente ao LOONA/yyxy.

Desassociada de cores pastéis e da pelúcia, elementos associados à infância – referência gritante presente no ursinho segurado por Yeojin, a *maknae*²¹ –, assim como localizada no que parece ser o Tudo ou o Nada, os primeiros *teasers* de Kim Lip indicam, portanto, a maturação dos temas apresentados pelo LOONA 1/3 até aquele momento.

Tal percepção confirma-se com o videoclipe de *Eclipse* (KIM, 2017). Em sua descrição no YouTube, é dito que “Kim Lip é uma garota de 19 anos que começa a desenhar um novo círculo, diferente daquele feito pelas integrantes anteriores”²². Mais ainda, com sua introdução, “o LOONA eclipsa”²³. Aliás, esta é a primeira imagem que temos ao assistir o videoclipe: a lua vermelha é eclipsada. Cada membro do LOONA possui sua representação em lua, sempre apresentada ao início de cada videoclipe. Porém, a cor preta só surge com o solo da sexta integrante. Para inúmeras culturas, o eclipse é comumente considerado um sinal de desastre e morte, agindo como o “[...] anunciador de desregramentos cataclísmicos [...], com vistas a preparar a vinda de ciclo novo [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 414). De maneiras distintas, ele será retomado ao longo do videoclipe.

²¹ O termo *maknae* refere-se ao membro mais novo de um grupo no K-Pop. Canonicamente, Yeojin também é a mais nova dentre as doze personagens.

²² No original: “Kim Lip is a 19 years old girl who starts to draw a new circle, different from the one drawn by the previous members”.

²³ No original: “With the introduction of Kim Lip, LOONA eclipses”.

Captura de tela 1 – Abertura de *Eclipse*

Fonte: KIM (2017).

No início, vemos Kim Lip de costas para a câmera, aproximando-se de uma entrada. O filtro é extremamente branco, o que faz sua saia vermelha contrastar com os arredores pálidos. A imagem não apresenta outros elementos sugestivos que possam dialogar com a cor e lhe conferir sentidos, o que acaba por reduzir sua leitura à qualidade em si, ao nível da primeiridade, ao seu caráter icônico: a cor é seu próprio objeto dinâmico. Igualmente, o intérprete que tem ciência dos *teasers* é surpreendido pela ausência de elementos que indiquem sensualidade. Isso porque os shorts apertados e a meia-arrastão não aparecem, mas sim uma mochila e um conjunto que logo o intérprete confirmará ser um uniforme escolar. Ou seja, referenciam a idade tenra e simbolizam a inocência e a ignorância, o não saber.

Captura de tela 2 – Cena de *Eclipse*

Fonte: KIM (2017).

Em seguida, vemos os all-stars de Kim Lip ao que ela caminha sob uma poça de água. Antes de focarmos nos sapatos, é preciso analisar a presença

desse corpo d'água, um ícone remático, uma vez que, hipoteticamente, indica a chuva que já acabou. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 59), esse elemento natural é uma fonte de vida e um meio de purificação, o que não desconsidera seu poder destruidor, como no dilúvio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 61). Como no caso do eclipse, temos a destruição regeneradora.

Por sua vez, os all-stars costumam ser associados à juventude e aos movimentos alternativos, como o cenário *grunge* da década de 1990, graças à banda de rock Nirvana (ABREU, 2020). Assim, trata-se de um símbolo do novo e do rebelde. Já o caminhar é um índice, ao que seu interpretante é do tipo dinâmico energético, pois tanto aponta para a área interna da construção, um existente, como nos faz dirigir a retina mental em direção a seu objeto: adentramos o local junto à garota.

Captura de tela 3 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

A imagem seguinte nos revela que Kim Lip anda em direção a um círculo vermelho elevado no centro da construção. Enquanto “[...] figura dos ciclos celestes [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 305) e “[...] símbolo do tempo [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 306), o círculo tem seu valor expandido ao ganhar altura e passa a ser um altar, “[...] onde se realiza uma operação sagrada [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 86). Sua coloração vermelha vai ao encontro da ideia do sacrifício, realizado sob altares nas mais diferentes culturas e com diferentes propósitos, pois lembra o sangue derramado.

Levando em conta o caráter espiritual que esse espaço carrega, podemos dizer que ele atua com “[u]m espaço sagrado e purificado no qual são realizados rituais, trabalhos mágicos e cerimônias”²⁴ (GUILLEY, 1999, p. 220). Novamente, encontramos coerência na sua leitura frente ao eclipse e sua simbologia de renovação.

Captura de tela 4 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

Quando Kim Lip sobe ao altar, o olho de uma coruja vermelha aparece na tela. Podemos interpretar o gesto como a entrega de si própria para uma entidade maior, como no caso bíblico em que Abraão oferece Isaac à Jeová. A ave, por sua vez, é comumente associada à “[...] morte, feitiçaria e ao lado sombrio da vida” (GUILLEY, 1999, p. 256), mas também é lembrada pela sua relação eufórica com a deusa grega Atena. É, assim, “[...] símbolo do conhecimento racional – percepção da luz (lunar) por reflexo – [...]” e do “[...] dom de clarividência [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 349). Por sua vez, Atena é a divindade virgem ligada à guerra estratégica (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 144), nascida da cabeça de seu pai, Zeus, em trajes de combate e armada (COLEMAN, 2021, p. 54).

Se, por um lado, a coruja é um símbolo, temos dois qualissignos em si que fazem referência à imagem anterior e à abertura do videoclipe: o preto de sua pupila e o vermelho de sua íris juntam-se para também simbolizar o eclipse em si, dando início ao ritual. Mais à frente, entre 2’25 e 2’29”, essa cena será resgatada, antecedida das imagens também recuperadas do eclipse

²⁴ No original: A sacred and purified space in which rituals, magical work and ceremonies are conducted.

(propriamente dito) e do altar; portanto, o olho da coruja é um ícone que os indica.

Captura de tela 5 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

Após a aparição do animal, a cor vermelha invade as cenas seguintes. A priori, Kim Lip é vista dentro de uma circunferência semelhante a uma auréola. O seu tipo aqui mostrado, não sobre a cabeça, mas ao redor dela, é curiosamente denominado elíptico e “[...] simboliza a irradiação da luz sobrenatural [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 148). Logo, sua presença dá força à realização do ato sagrado sob o eclipse. Por outro lado, segundo Gérard de Champeaux Chas e Dom Sébastien Sterckx, em *Introduction au monde des symboles*, “[a] auréola é um procedimento de uso universal para valorizar um personagem naquilo que ele tem de mais nobre: a cabeça” (1966 *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 148).

Captura de tela 6 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

A seguir, Kim Lip aparece em outro cenário, de fundo branco, e trajando uma espécie de body preto e branco cravejado em pedras brilhantes. A

coreografia fica ainda mais intensa e sensual quando ela posa de joelhos e, posteriormente, deitada em cima do altar. Assim, entre cortes rápidos que lhe mostram vestida no uniforme e na nova roupa, há o contraste entre a garota e a mulher, a ingenuidade – ainda que também dance sugestivamente – e a maturidade. A partir desse momento, portanto, o vermelho recupera por completo sua faceta simbólica apresentada nos *teasers*.

Captura de tela 7 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

De volta ao filtro preto e branco, vemos Kim Lip posando sobre o altar. Em um movimento, a câmera aproxima-se e vemos mais claramente que ela usa um brinco em formato triangular. Aqui, há novamente o emprego da simbologia do três em associação ao ODD EYE CIRCLE. Para Guiley (1999, p. 343), “[é] o número [que indica] algo sendo trazido para manifestação no mundo material”²⁵.

Notamos como a ponta do triângulo está para cima, o que indica “[...] o fogo e o sexo masculino [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 987). Tal interpretação dialoga com a própria associação da cor representativa de Kim Lip à chama da paixão e o incêndio que destrói, como também se liga à letra da canção. Em *Eclipse*, diferentemente de suas antecessoras, a voz lírica feminina é quem se declara e confessa seus desejos: “Eu quero ver [sua cor] sob a luz secretamente/ Estou com tanta curiosidade que isso me deixa louca/ Amor de Cupido”²⁶. Na descrição do videoclipe é dito também que Kim Lip diferencia-se do LOONA 1/3 ao não esconder seus sentimentos, mas sim ao falar “[...] sem

²⁵ No original: “It is the number of bringing something into manifestation in the material world”.

²⁶ Em inglês: “I wanna see it [your color] under the light secretively/ I’m so curious, it makes me crazy/ Cupid love” (KIM LIP, 2017).

hesitação que o amor só acontece como está destinado”²⁷ (KIM, 2017). Assim, a lógica do romance em que a mulher espera é subvertida.

Por outro lado, o real objeto dinâmico do brinco é difícil de ser especificado; ficamos presos à figura geométrica em si. É possível que se refira à trindade do ODD EYE CIRCLE, às três subunidades do LOONA, ou às três dimensões que formam o loonaverso – a Terra, o Limbo e o Éden. Ou seja, tratamos de um ícone remático, cujo potencial hipotético é considerável.

Captura de tela 8 – Cena de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

Tal cadeia de significações – cabelo loiro, coruja e auréola – indica fortemente como a personalidade e o papel exercido por Kim Lip no loonaverso estão ligados à racionalidade, à sabedora. O contexto em que se encontram incita determinados significados, ainda que não possam ser completamente comprovados por este videoclipe, isoladamente.

Reconhecida a incapacidade de se acessar por completo os significados, seja pela própria complexidade do interpretante final, como também as informações ocultadas e confirmações não feitas pelos produtores do loonaverso, esses elementos são revisitados, reforçados e expandidos em outros materiais. Tal qual Atena, mesmo no momento da guerra a atitude de Kim Lip é fundamentada na estratégia, não no descontrole das emoções. Vemos isso no videoclipe de *So What* (LOONA, 2020b), lançado no momento da narrativa

²⁷ No original: “While LOOPΔ 1/3, has asked questions about love, the sweetness, the pain, the joy, the worries, and hidden emotions, Kim Lip tells without hesitation that “love just happens like it is destined to”, in the lyrics”.

em que era necessário conhecer o lado oculto da Lua²⁸ e queimá-la, em preparação à fase da Lua Nova²⁹.

Enquanto as demais integrantes se reúnem para marchar, Kim Lip é vista sozinha, trajada em vermelho, nas escadarias e nos corredores da Catedral da Aprendizagem, localizada na Universidade de Assumption, na Tailândia:

Captura de tela 9 – Cena de *So What*



Fonte: LOONA (2020b).

Voltando a *Eclipse*, no minuto 1'16", a câmera está posicionada em um ângulo zenital, no ponto mais alto em relação aos objetos em cena, e nos permite ver Kim Lip dançando no altar. A iluminação parcial forma mais uma vez a imagem do eclipse, agindo como ícone que o emula. Em um movimento ascendente rápido, passamos a ver o topo da construção na qual está Kim Lip. Já mencionamos como as duas cenas serão repetidas em paralelo com o olhar da coruja. Dessa vez, nos atentamos ao espaço exterior: a floresta que logo tem a cor verde da folhagem de suas árvores substituída por vermelho.

Para inúmeras culturas antigas, como a céltica, as chinesas e as indianas, “[...] a floresta constituía um verdadeiro santuário em estado natural [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 501), assim como um espaço de transição e encontro entre a terra, graças às raízes das árvores, “[...] e a abóbada do céu, que ela alcança ou toca com sua copa” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 502). Ainda, como já mencionado no capítulo anterior, a floresta é objeto

²⁸ Na descrição de *So What* (LOONA, 2020b) é dito: “No LADO OCULTO DA LUA, o qual ninguém conhece, ao invés de uma lua que não brilha sozinha e sempre mostra um único lado, o LOONA atua como um fusível no coração de todas as LOONAS ao redor do mundo” (ênfase do autor).

²⁹ Confirmado por meio do *teaser* intitulado *New Moon* (LOONA, 2020a), lançado para apresentação da temática do álbum [&], o segundo trabalho do grupo após [#], cuja canção principal deste é *So What*.

de desejo dentro do loonaverso, pois representa a Árvore do Conhecimento para o LOONA/yyxy. Portanto, a interpretação ocultista da narrativa contida no videoclipe é reforçada.

Captura de tela 10 – Cenas de *Eclipse*



Fonte: KIM (2017).

Finalmente, durante a ponte da canção, Kim Lip aparece sentada e de olhos fechados em uma cadeira dourada e de estofado vermelho, um índice, posta sobre o altar. Atrás de si, uma fumaça igualmente vermelha surge. De forma gradual, o filtro da cena toma uma intensa coloração. Na cena seguinte, tal qual a coruja, seu animal representativo, ela abre os olhos.

Para lermos tal sequência, nos atentemos primeiramente para a cadeira e a pose de Kim Lip. Sendo suporte para o móvel, depreendemos que a simbologia de superioridade do altar é exacerbada. Dessa forma, passamos a enxergar um trono, ligado à glória e à “[...] manifestação da grandeza humana e divina” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 993). Os qualissignos que carrega, suas cores, dialogam com esse pensamento: quando presente em um trono, a cor ouro representa “[...] a supremacia e a sabedoria [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 995), e o vermelho, a cor representativa de Kim Lip, é igualmente associado à realeza, como no caso romano.

Logo, por convenção sócio-histórica, o trono é um símbolo real e divino. No videoclipe aqui analisado, ele é coerentemente também uma posse de Kim Lip, sua recompensa por concluir o ritual. Isto é, Kim Lip passou por uma

iniciação para alcançar a iluminação. Guiley (GUILLEY, 1999, p. 173) explica que ser iniciado é um dos ritos mais antigos e

[...] marca a travessia psicológica de um limiar em novos territórios, conhecimentos e habilidades. Os temas centrais da iniciação são o sofrimento, a morte e o renascimento. O iniciado passa por uma provação, morre simbolicamente e renasce simbolicamente como uma nova pessoa, possuindo nova sabedoria³⁰.

Por outro lado, a fumaça na qual Kim Lip é engolfada é um índice, cuja relação com seu interpretante o caracteriza como do tipo dinâmico energético. Nela, como aquela gerada pela queima, há a indicação de algo: a transformação da mulher em realeza e divindade. A sua presença é intensificada pela já mencionada troca do filtro. O vermelho, tão discutido aqui, ao ser exteriorizado, torna-se “[...] perigoso como o instinto de poder, se não é controlado; leva ao egoísmo, ao ódio, à *paixão cega*, ao *amor infernal*” (PORTAL, 1837, p. 131 *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 1031, ênfase dos autores).

Nenhum desses significados, entretanto, são disfóricos para Kim Lip. Ela canta: “Seu coração visível em apenas um olhar/ é como a Caixa de Pandora”³¹ (KIM, 2017). Tal objeto é, segundo o mito grego, “[...] o símbolo de tudo aquilo que não se deve abrir” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 214). Ainda que reconheça a possibilidade do amor desejado lhe machucar ou levá-la a causar o mal, ela o aceita. No próprio videoclipe, entre 2’15” e 2’17”, quando Kim Lip canta esses versos, vemos como a caixa é incorporada à coreografia. Ainda, a menção a Pandora é relevante em um contexto que também faz referência a Atena. É a deusa quem lhe ensina a tecelagem, “[...] o ofício que tece mil cores [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 755).

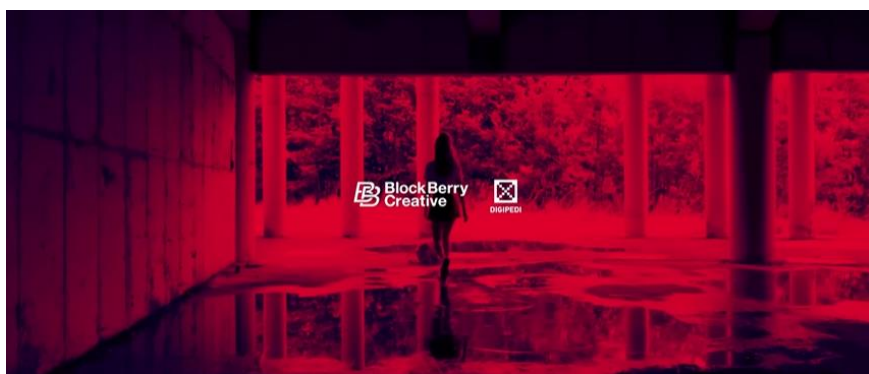
Portanto, associadas ao momento da música em que surgem – o clímax que antecede o último refrão –, tais cenas trazem elementos que também indicam o ponto máximo da narrativa, o final do ritual. Após sua conclusão,

³⁰ No original: “One of the most ancient of rites, initiation marks the psychological crossing of a threshold into new territories, knowledge and abilities. The central themes of initiation are suffering, death and rebirth. The initiate undergoes an ordeal, symbolically dies and is symbolically reborn as a new person, possessing new wisdom”.

³¹ Em inglês: “Your heart visible in just one look/ It’s like Pandora’s Box”.

voltamos a ver Kim Lip com o uniforme escolar sobre o altar. A roupa não parece significar um regresso, mas o constante aprendizado. Ela está de costas e, ao virar, há um corte brusco para uma tela em branco com o nome coreano do grupo. Essa ação é um índice remático, pois carrega a hipótese de um chamado. Igualmente, sua relação com o interpretante é do tipo dinâmico energético, pois também chama a nossa atenção para a sua origem, atitude impossibilitada em um primeiro momento pelo final do videoclipe. Todavia, nos segundos finais, nos é apresentado uma espécie de epílogo, no qual Kim Lip aparece deixando o local e indo em direção à floresta.

Captura de tela 11 – Cena de *Eclipse*

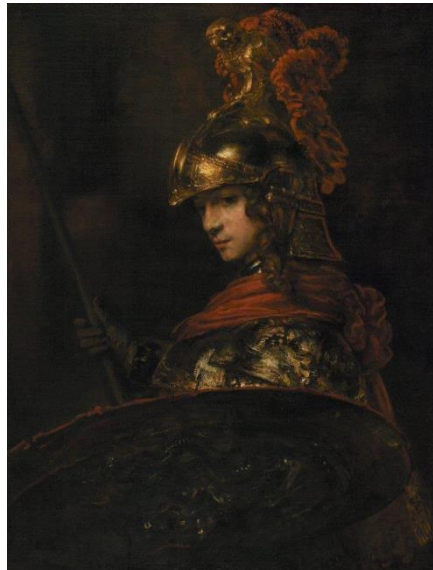


Fonte: KIM (2017).

Com tais observações em mente, podemos concluir que *Eclipse* é tanto sobre a experimentação de um amor ousado, distante do sentimento escondido pelas integrantes do LOONA 1/3, como a iniciação de Kim Lip para alcançar um estado superior de conhecimento. Em paralelo a Atena, continuamos a enxergar a construção de uma mulher poderosa, forte e sábia, mas cujo poder de decisão parte para outra maneira de lidar com o amor: a deusa preza por sua castidade (COLEMAN, 2021, p. 54) ao que Kim Lip deseja amar intensamente.

Tal diferença pode ser percebida na forma recorrente de representar Atena completamente vestida, algo que a distancia também de outras deusas, como Afrodite. O quadro *Pallas Athena*, cuja autoria é atribuída ao pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn, é um grande exemplo disso. Nele, a deusa está trajada para o combate, ao que a figura de uma coruja pode ser notada em seu elmo:

Quadro 3 – *Pallas Athena*



Fonte: RJIN (ca. 1655).

A seguir, veremos como a ruptura proposta por Kim Lip influencia suas companheiras de subunidade.

5.2. A bruxa que ensina

Jinsoul, cujo nome real é Jeong Jinsol, é a sétima integrante do LOONA e estreou em 13 de junho de 2017 com *Singing in The Rain* (JINSOUL, 2017), além da *b-side Love Letter*, um dueto com Kim Lip. Antes de ser apresentada oficialmente, ela já havia feito uma colaboração especial na canção e no videoclipe de *Everyday I Need You*, *b-side* de ViVi. Com sua estreia, o gênero R&B de *Eclipse* deu lugar a aceleração do *electrobass*, ainda que a sensualidade não tenha se perdido. Ao que traçava ligações com sua antecessora, o *teaser* de tipo *Who's Next Girl?* já demarcava as particularidades de Jinsoul.

Na Fotografia 4, vemos a integrante da cintura para cima, respeitando o limite dos lábios empregado na fotografia de Kim Lip. Não podemos discernir com clareza o cenário, mas as folhas fora de foco em primeiro plano são índices que apontam para locais como um jardim ou um bosque.

Fotografia 4 – Teaser Garota de Junho #1



Fonte: LOONA (2017d).

Considerando o que já verificamos em *Eclipse*, a floresta é um espaço de transição e encontro entre os planos terreno e etéreo. Também, é uma forma interessante de conectar o final do videoclipe anterior com a estreia da nova integrante. Porém, o que mais chama a atenção na fotografia, devido à sua relação com o interpretante ser majoritariamente do tipo dinâmica emocional, uma vez que produz o efeito de "uma simples qualidade de sentimento" (SANTAELLA, 2018, p. 24), é a cor azul, um qualissigno.

Sendo “[...] a mais fria das cores [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 155), o azul se opõe à alta temperatura do vermelho de Kim Lip. Presente no firmamento e no oceano, a coloração está associada ao infinito. Ainda, “[a]plicada a um objeto, a cor azul suaviza as formas, abrindo-as e desfazendo-as” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 155). Assim, sua presença pode inspirar tranquilidade ou o sinistro, dependendo da tonalidade.

Na imagem aqui analisada, ela está empregada tanto no texto que identifica o *teaser*, como no vestido de cetim usado por Jinsoul. Inclusive, como é natural desse tecido, há uma certa cintilância e suavidade em sua textura. A presença do vestido é muito importante em associação aos cabelos descoloridos – loiros, europeus – e ao próprio cenário natural, pois a bruxa é comumente representada em obras ocidentais assim trajada, quando não nua. Além das obras mencionadas anteriormente, podemos citar uma das ilustrações do manuscrito *História de Merlin*:

Ilustração 1 – Representação de três bruxas



Fonte: ECO (2007, p. 207).

Todavia, em tom cobalto, sem pender para o celestial ou o escuro, não somos capazes de definir se o emprego da cor intenciona a calma ou o ominoso. É por meio da lenda que encontramos um guia: “Entre azul e preto. A nova garota estará florescendo”³². Ou seja, pela primeira vez na narrativa, uma cor secundária é atribuída e o preto passa a também representar Jinsoul. Oficializando esse fato, de maneira inédita, um segundo *teaser* do tipo *Who’s next girl?* foi lançado.

Em mais um extremo, o preto é “[...] a ausência ou a soma das cores, sua negação ou sua síntese” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 817), comumente lembrado por suas conotações negativas. Colocado ao lado da cor azul, mais uma vez apresentada por meio do texto, parece compartilhar seu significado sombrio, mórbido e frio. Nesse encontro, como apontado por Kandinsky, “[...] a profundidade do azul tem ‘uma gravidade solene, supraterrânea’” (apud CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 156). Assim, as cores são símbolos do obscuro e do místico, criando uma imagem de Jinsoul que pende para o mal.

³² Em inglês: “Between blue and black. The new girl will be blooming”.

Fotografia 5 – Teaser Garota de Junho #2



Fonte: LOONA (2017c).

Essa maneira de caracterizar Jinsoul é explorada de outras formas pelos demais materiais. Um dos *teasers* lançados após sua revelação é especialmente sugestivo. Abaixo, visualizamos um recorte com foco na mensagem presente nos shorts vestido pela garota: “Para criar algo novo, você deve primeiro destruir”³³. Rapidamente, o papel de Jinsoul passou a ser interpretado pelos fãs como vilanesco.

Fotografia 6 – Recorte de Teaser Jinsoul #5



Fonte: LOONA (2017g).

³³ No original: "To create something new, you must first destroy".

Tal interpretação ganhou força com o lançamento de seu videoclipe. Igualmente detentora de uma representação em lua preta e azul, trajando uniforme escolar e all-stars, e vagando por um local indeterminado – uma espécie de estacionamento vazio –, Jinsoul também é iniciada sob o eclipse. A lua, símbolo do feminino (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 630) e do próprio LOONA, é tragada pela fumaça, índice esse que é “[...] a imagem das relações entre a terra e o céu [...]” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 517). Como na queima do incenso em diversas culturas para o culto e a proferição de orações, a presença da fumaça aparenta conservar o tom ocultista e transformador aplicado em *Eclipse*.

Captura de tela 12 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

Algumas cenas a frente, após Jinsoul sentir-se acompanhada por algo no escuro e começar a correr ao cantar “persiga e persiga o som [da canção noturna]”³⁴, ela observa um ponto de luz ao longe e ergue uma das mãos. Por um breve momento, a imagem sofre uma distorção, como podemos ver na Captura de Tela 13, também notada em outros momentos ao longo do videoclipe. Esse tipo de ruído visual é chamado de *glitch*, termo utilizado na área da informática e eletrônica para denominar a rápida ocorrência de “[...] disfunções e problemas gráficos ou de processamento” (NASCIMENTO, 2014). Uma vez que a imagem alterada emula o que sabemos ser Jinsoul, nos deparamos com um ícone. Com isso, podemos dizer que a deformação na cena revela uma falha, intromissão ou ruptura. Essa conclusão é de extrema importância quando

³⁴ Em inglês: “Chase and chase the sound [of the nocturnal song]”.

reconhecemos a realização continuada do ritual começado por Kim Lip e aludido pela aparição do eclipse.

Captura de tela 13 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

Após as cenas de coreografia feitas em meio à água, acompanhamos Jinsoul caminhando por corredores de aquários. Em cada aquário, há inúmeros peixes que aparentam ser de coloração vermelha. Trajada novamente em um vestido azul, a garota tem uma feição de busca e se aproxima de uma das paredes de vidro. Sua mão estendida, tocando o aquário, é um índice que aponta para seu desejo de encontrar um local apropriado para o seu peixe, cujo enquadramento agora nos permite conferir ser um peixe betta, animal conhecido pelo seu instinto territorialista (COMO, 2019). Assim, atua como um símbolo do diferente agressivo.

Outrossim, para estabelecermos coerência com a leitura obscura imagetivamente sugerida do papel de Jinsoul na narrativa, é pertinente interpretarmos o animal no pote (e em uma sacola, como no minuto 2'15" de *Sweet Crazy Love* (LOONA/ODD, 2017b)) como uma espécie de diabrete, “[u]m pequeno demônio, muitas vezes mantido dentro de uma garrafa ou anel e usado para fins mágicos”³⁵ (GUILLEY, 1999, p. 172). Na tradição ocidental, é dito que as bruxas possuíam sapos, roedores, moscas, aranhas e outros insetos para tais fins (GUILLEY, 1999, p. 172).

³⁵ No original: "A small demon, often kept inside a bottle or ring and used for magical purposes".

Captura de tela 14 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

Já no começo da ponte da canção, vemos a mão de Jinsoul submersa e entre os demais peixes. O azul frio contrasta com o vermelho quente e a imagem está borrada, em um efeito que parece diluído. Como dito anteriormente, “[...] a cor azul suaviza as formas, abrindo-as e desfazendo-as” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 155). Assim, como nos paralelos entre os olhos de Kim Lip e da coruja, podemos dizer que Jinsoul, a água e os peixes diferentes do seu animal representativo passam a ser uma coisa só. Não é incomum a representação da bruxa enquanto ser híbrido, como vimos na xilogravura *Três bruxas com cabeça de asno, galo e cão*, de Ulrich Molitor.

Captura de tela 15 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

É importante pensarmos os significados dessa cena, considerando o potencial ameaçador do peixe betta e a presença da cor de Kim Lip. No processo de metamorfose, apontam Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 680-681), o personagem está se individualizando para que, então, possa alcançar a completude de seu eu. Ainda assim, podemos dizer que Jinsoul não nega a

integrante anterior: suas cores são apresentadas juntas em outros momentos, tanto em um dos *teasers* de Kim Lip, como em outro de Jinsoul. Opostas, elas acabam por se complementar e, como veremos mais a frente, se encontram em uma outra cor: o roxo.

Fotografia 7 – Teasers Kim Lip #4 e Jinsoul #4



Fonte: LOONA (2017i; 2017f).

Voltando ao videoclipe, a fumaça surge outra vez por meio do aquário em que Jinsoul havia sido apresentada após a cena dos corredores. Em forma de coluna, simboliza “[...] a junção do céu e da terra e uma espiritualização do homem” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 517). Dialogando com os *teasers*, plantas estão posicionadas junto à caixa. Tais índices “[...] são inseparáveis da água [...]”, elemento também ligado à vida e à purificação (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 799).

Captura de tela 16 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

A transformação em si ocorre a seguir, quando Jinsoul finalmente despeja seu peixe em um dos aquários. Um novo paralelo com a Caixa de Pandora é traçado por meio da libertação desse animal comumente associado à violência. No espaço onde antes caminhava, Jinsoul levita e flutua, como se estivesse no ar e na água, concomitantemente.

Sendo a levitação um fenômeno paranormal, costuma estar associada a casos de possessão demoníaca, mas também pode ser a manifestação divina, como no caso dos santos³⁶. De qualquer forma, está representada o seu alcance a um novo estado de ser. Seu vestido azul lembra as barbatanas expressivas do peixe betta, o que o caracteriza como um ícone.

Captura de tela 17 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

A partir da transformação, como marcado pelo título da canção – *Singing in the Rain*, cuja tradução literal é “Cantando na Chuva” –, vemos cenas rápidas de Jinsoul performando sob uma forte chuva. Finalmente, o preto recorrente do cenário dá lugar ao azul, concluindo a metamorfose. O banho tomado também é importante, pois reforça a ideia de purificação tão presente nos materiais até aqui analisados. Em um movimento de câmera ascendente, dos pés à cabeça de Jinsoul, vemos que a sacola já não mais carrega o peixe, como nas cenas iniciais do videoclipe.

³⁶ Conforme Guiley (1999, p. 206), a levitação é “[a] paranormal phenomenon whereby a body or object is raised up into the air in defiance of gravity. Levitation has been reported in cases of bewitchment, hauntings and possession; it also is attributed to saints and holy persons”.

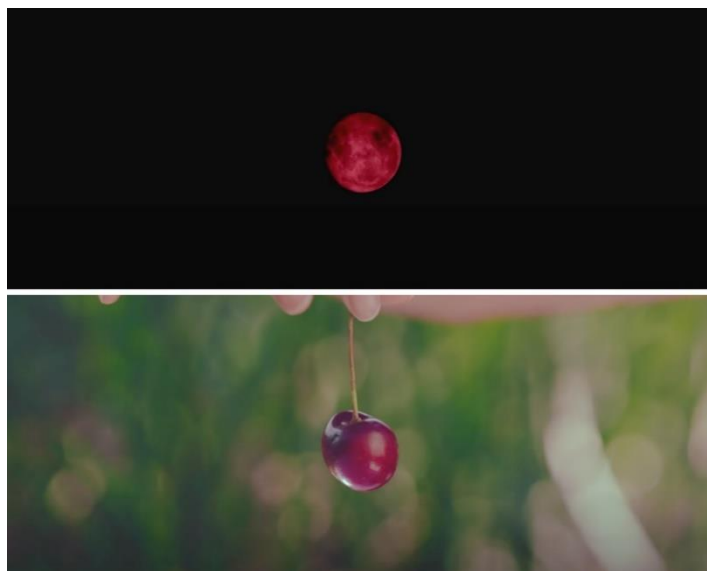
Captura de tela 18 – Cena de *Singing in the Rain*



Fonte: JINSOUL (2017).

A partir desse quadro de elementos, depreendemos que Jinsoul igualmente alcança um estado maior, a iluminação necessária para cumprir com seu papel dentro do loonaverso. Para entendermos melhor sua missão, é importante considerarmos *Reveal* (2017), o *teaser* lançado para apresentação da subunidade ODD EYE CIRCLE. Aos 41”, um eclipse vermelho aparece e, muito rapidamente, é substituído por uma cereja.

Captura de tela 19 – Cenas de *Reveal*



Fonte: LOONA/ODD (2017b).

Essa nova imagem muito se assemelha a uma cena de *Love Cherry Motion*, videoclipe da próxima integrante e que será analisado no subcapítulo seguinte. Em *Love Cherry Motion*, Choerry recebe uma cereja de seu outro eu em um movimento que desafia a gravidade ao subverter a queda.

Captura de tela 20 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Na sequência, passamos a ver um pedaço de bolo e uma mão, cujos dedos polegar e indicador se posicionam em pinça, um índice que aponta para a ação de colocar uma cereja sobre o alimento. Também são índices as madeixas onduladas e descoloridas no canto da imagem, cujo objeto dinâmico é Jinsoul, uma vez que Kim Lip sempre é apresentada com os cabelos lisos. Em relação ao bolo, Guiley cita em inúmeros casos narrados durante os julgamentos de mulheres consideradas bruxas a sua oferta por parte daquela que teria intenções malignas de enfeitiçar e/ou matar (GUILLEY, 1999, p. 298), além de estar presentes em lendas (GUILLEY, 1999, p. 170). Por sua vez, “[a] cereja é o símbolo da vocação guerreira do Samurai japonês e do destino para o qual deve se preparar” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 274). Assim, o prato é uma espécie de prenda e seu significado será analisado em breve.

Captura de tela 21 – Cena de *Reveal*

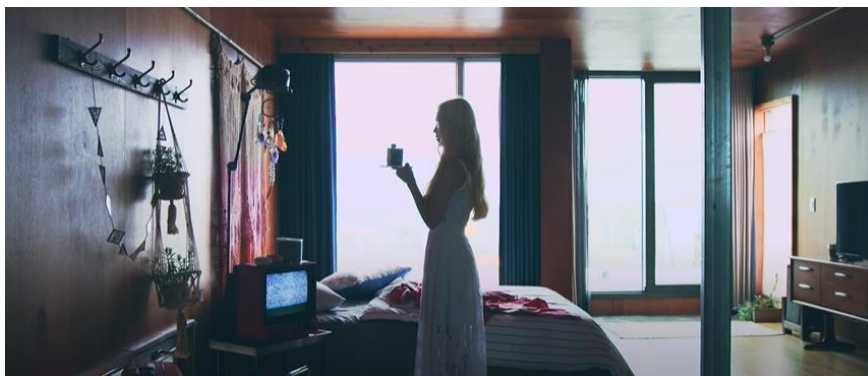


Fonte: LOONA/ODD (2017b).

A seguir, a estática na tela da televisão ao seu lado lembra os inúmeros *glitches* presentes em seu videoclipe solo. A perturbação que Jinsoul causa onde

quer que vá pode ser compreendida como sinal da sua atitude contra o *looping* imposto no loonaverso: como já dito, a natureza desse fenômeno trata como natural o isolamento das personagens. Considerando que *Reveal* foi lançado após os lançamentos dos três solos, a cena dialoga com *Love Cherry Motion* ao confirmar que a transformação de Choerry se dá por intermédio de Jinsoul.

Captura de tela 22 – Cena de *Reveal*



Fonte: LOONA/ODD (2017b).

Portanto, Jinsoul atua como uma recrutadora, associando-se tanto à Choerry, como às integrantes das outras subunidades, consideradas excluídas: a androide ViVi, do LOONA 1/3, como pode ser visto no videoclipe de *Everyday I Need You* (VIVI, 2017, 2'04"-2'22"), e Olivia Hye, o anjo caído do LOONA/yyxy, cujo encontro se dá em *Egoist* (HYE, 2018, 1'56"-2'16"). Tendo também alcançado a iluminação, Jinsoul busca influenciar as demais a fazerem o mesmo, tendo a cereja com ferramenta para tal. Não é estranho que sua aparição em *Egoist* se dê junto à fruta.

Até aqui, conferimos como os perfis de bruxa exercidos fogem do estereótipo da mulher velha, feia, viúva, com seu chapéu característico³⁷, e que utiliza uma vassoura mágica como meio de transporte. Entretanto, a noção da mulher adulta permanece, algo que sofrerá mudança a partir da construção da identidade da última integrante. A seguir, veremos a representação da bruxa aprendiz.

³⁷ Guiley (1999, p. 396) destaca: "The stereotypical image of a witch is that of an ugly, old hag wearing a tall, black, pointed hat with a broad brim".

5.3. A bruxa que busca

Choerry, cujo nome real é Choi Yerim, é a oitava integrante do LOONA e estreou em 12 de julho de 2017 com *Love Cherry Motion*, além da *b-side Puzzle*, um dueto com Jinsoul. Contrariando as expectativas, sua canção principal se aproxima do som *bubblegum pop* do LOONA 1/3. O diálogo com a sonoridade de suas companheiras de subunidade se dá de forma especial, como discutiremos em breve. Imagetivamente, seus elementos convergem.

Em seu *teaser* do tipo *Who's next girl?*, Choerry aparece em meio à fumaça roxa – índice muito presente na identidade visual do ODD EYE CIRCLE, cuja significação transformadora acaba por lhe conferir caráter simbólico na narrativa –, vestindo roupas despojadas e, do pouco que se pode ver da altura de seu rosto, usando brincos de argola grandes. Sua pose comunica confiança e ela está vestida como uma jovem adulta. A fotografia é acompanhada da legenda: “A oitava garota que é misteriosa tanto quanto a cor roxa. Ela logo virá até você”³⁸. Tal cor é “[...] feita de uma proporção igual de vermelho e azul, de lucidez e de ação refletida [...], o amor e a sabedoria” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 1046), a qual simboliza “[...] o mistério da reencarnação ou, ao menos, da transformação” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 1047).

Fotografia 8 – Teaser Garota de Julho



Fonte: LOONA (2017e).

³⁸ Em inglês: “The eighth girl who is mysterious as much as the color purple. She will soon come to you”.

Anteriormente, encontramos uma continuidade entre a história de Kim Lip e sua ida à floresta por meio do *teaser* apresentando Jinsoul. Dessa vez, a presença da sexta integrante, a segunda do ODD EYE CIRCLE, se faz perceber desde os segundos iniciais do videoclipe de *Love Cherry Motion* (CHOERRY, 2017). A garota é apresentada em sua caminhada ao longo de uma estrada de terra e mato baixo, parando ao chegar à beira do mar. A vegetação e a água são índices que, dentro da lógica do loonaverso, passam para a posição de símbolos das duas primeiras integrantes da subunidade.

Após, vemos Haseul e Yeojin, integrantes do LOONA 1/3, conversando no que parece ser um quarto. Choerry sinaliza sua chegada com a capacidade refletora de um espelho, entendido por Chevalier e Gheerbrant como um “[...] instrumento da Iluminação. O espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento [...]” (2020, p. 454), sendo também importante para a realização de certas atividades esotéricas que envolvem a adivinhação (GUILLEY, 1999, p. 232)³⁹, como “[...] predizer o futuro, encontrar objetos e pessoas, e determinar a culpa [...]” de suspeitos (GUILLEY, 1999, p. 106)⁴⁰. Já a presença das outras liga Choerry à dimensão terrestre.

Captura de tela 23 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Após passarem a tarde experimentando roupas e brincando, Choerry avista um pedaço de bolo em cima da cama, se afasta da dupla e come a cereja

³⁹ No original: "One of the most ancient forms of DIVINATION is *crystallomancy* or *catoptromancy*, performed with a magic mirror".

⁴⁰ No original: "[Divination means] [f]oretelling the future, finding objects and people, and determining guilt by means of information obtained from signs, omens, dreams, visions and divinatory tools."

que estava no topo do doce. Esse momento é apresentado por meio de um *close-up* sugestivo quando posto em paralelo com o tom quase infantil adotado nas cenas até aqui. A ação também é digna de atenção, uma vez que a fruta é lembrada enquanto símbolo sexual, como na gíria inglesa “*pop the cherry*”⁴¹. Todavia, é importante destacarmos que Choerry possuía entre 16 e 17 anos quando o videoclipe foi produzido e lançado. “[R]omper a polpa vermelha da cereja para alcançar o duro caroço ou, em outras palavras, fazer o sacrifício do sangue e da carne, a fim de chegar à pedra angular da pessoa humana [...]”, é a interpretação de Servier (1964, p. 161 *apud* CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 274). Ela canta antes de morder a fruta: “Movimento da cereja do amor/ Uma história começando agora”⁴².

Captura de tela 24 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Sem demora, a ação desencadeia uma mudança considerável no que vemos e ouvimos: um *break dance* intenso e acelerado toma o lugar do refrão até então tranquilo e feliz, ao passo que as cenas se tornam mais escuras e sensuais. Nesse momento, Choerry apenas ofega e diz: “Ah, ah, imagine”⁴³. Ao lado de Choerry, dançam Kim Lip e Jinsoul, mas não vemos o trio claramente em meio à escuridão. No minuto 1’38”, surge uma nova lua que pisca em vermelho, roxo e azul, respectivamente. A configuração do roxo entre as demais cores – como a posição central de Choerry na cena da coreografia durante o *break dance* – atua como um ícone, pois emula a mistura e criação da nova cor.

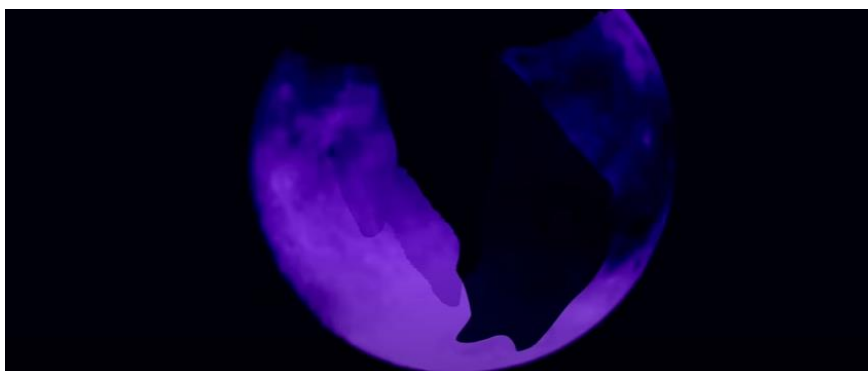
⁴¹ A expressão pode ser traduzida como “romper a cereja”, em alusão ao rompimento do hímen durante a primeira relação, como explicado pelo senso comum (DICTIONARY.COM, 2018).

⁴² Em inglês: “Love Cherry Motion/ A story starting today”.

⁴³ Em inglês: “Ah, ah, imagine”.

Enquanto as cores se alternam, vemos um morcego – que, pela ligação com a cereja, entendemos ser do tipo frutífero – no primeiro plano abrindo suas asas. Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 692) citam as diversas conotações negativas em torno desse animal, frequentemente relacionado ao terror e ao macabro. Ele é associado também à noção de "[...] *fortificação do cérebro*, praticada pelos taoístas [...], razão pelo qual o peso de seu cérebro o obriga a ficar pendurado...com a cabeça para baixo" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 693, ênfase dos autores). Por outro lado, "[o] morcego simboliza, ainda, o ser definitivamente *imobilizado numa fase de sua evolução ascendente [...]*" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 694, ênfase dos autores), pois seu voo é noturno, silencioso e baixo. Assim, o místico e a ideia de iluminação ganham um novo símbolo.

Captura de tela 25 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

De volta aos versos, Choerry acorda em outro local, no qual a vegetação é abundante. De cabeça para baixo, ela estabelece uma relação icônica com seu animal representativo. O conceito já discutido de floresta e a aparência abandonada do local – ausente da interferência e organização humana – nos permitem interpretar a cena como um não lugar físico e metafórico: trata-se de um momento de transição para Choerry, ainda não completamente igual às outras duas mulheres.

Captura de tela 26 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Ao que procura se localizar, uma luz é direcionada aos seus olhos por uma figura ao longe, acontecimento semelhante à quando Choerry se encontrou com Haseul e Yeojin. Uma vez que a imagem está borrada, emulando a visão distante de Choerry, que vê pela janela, não podemos confirmar ser Kim Lip ou Jinsoul.

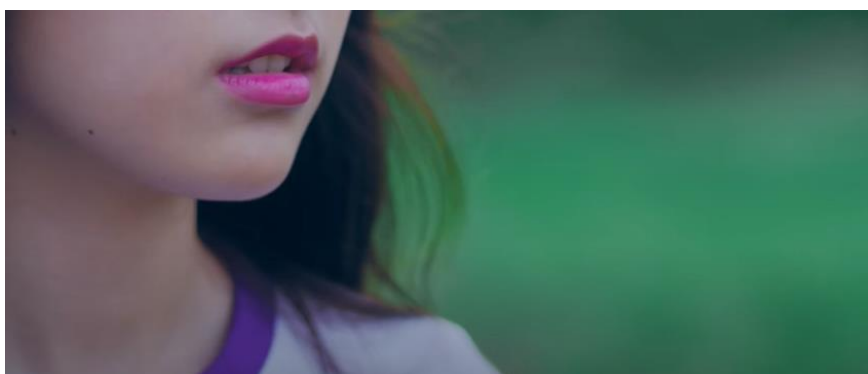
Captura de tela 27 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Porém, em *Reveal* (ODD EYE CIRCLE, 2017), ambas são apresentadas por meio de cenas rápidas que as ligam à Choerry. Aos 32", durante a montagem relacionada à Kim Lip, vemos a imagem abaixo, também presente no minuto 2'07" de *Love Cherry Motion*. A partir dessa repetição, depreendemos que é Kim Lip quem utiliza o espelho, justamente o "[...] instrumento da Iluminação" e "[...] símbolo da sabedoria e do conhecimento [...]" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 454) para atrair a garota.

Captura de tela 28 – Cena de *Reveal*



Fonte: CHOERRY (2017).

Após obedecer ao chamado e correr em direção à floresta, Choerry chega a um campo que possui doze espelhos circulares espalhados. Dado o número, entendemos que apontam para cada uma das integrantes do LOONA, agindo como ícones. Tal observação conversa com a função do espelho, como vimos anteriormente, enquanto ferramenta para descobrir a localização de objetos e pessoas (GUILLEY, 1999, p. 106). Aliás, a mudança abrupta de gêneros musicais ao longo da canção, experimentando com as sonoridades características do LOONA $\frac{1}{3}$ e do ODD EYE CIRCLE, parece simbolizar as viagens feitas entre as dimensões.

Captura de tela 29 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Ao caminhar pelo local, Choerry acaba encontrando naquele que deve ser o oitavo espelho – o seu número –, um reflexo que parece ter vida própria. Enquanto ela observa a imagem, a Choerry do outro lado lhe joga uma cereja, cujo consumo nos leva mais uma vez ao refrão. A dupla aparição é importante para o contexto de sua progressão para o alcance da iluminação, pois “[...]”

acredita-se que os espelhos refletem a alma e devem ser protegidos para que esta não se perca [...]”⁴⁴ (GUILLEY, 1999, p. 232). Nesse confronto, a alma “[...] participa da imagem e [...] passa por uma transformação” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 456), fenômeno crucial à subunidade.

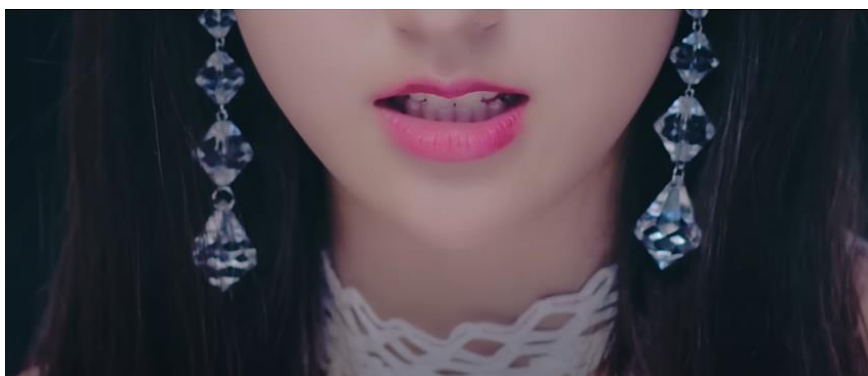
Captura de tela 30 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Mais intenso, o segundo *break dance* é acompanhado visualmente por um cenário banhado em roxo e luzes piscantes. Diferentemente de algumas cenas antes, passamos a ver as integrantes com clareza. Ainda nessa seção, Choerry aparece rapidamente em um *close-up*, no qual a vemos usando brincos grandes que lembram diamantes.

Captura de tela 31 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

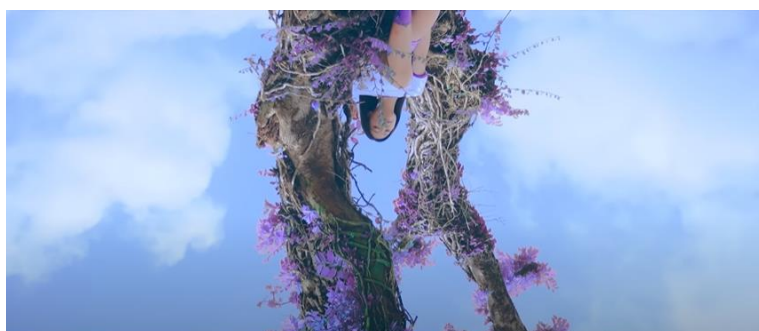
Vestir joias está comumente associado à imagem da mulher adulta, madura e elegante, o que leva os brincos a simbolizarem o amadurecimento da

⁴⁴ No original: “[...] mirrors are believed to reflect the soul and must be guarded against lest the soul be lost [...]”.

garota. Porém, em uma leitura mais aprofundada, “[...] tendo como ponto de partida a *alma* junguiana, chegam a representar as riquezas desconhecidas [...], pois elas são energia e luz” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 589, ênfase dos autores). Em seguida, as luas coloridas e o morcego abrindo suas asas voltam a aparecer.

Com o retorno ao último pré-refrão, vemos Choerry em uma árvore de folhas roxas, posicionada de cabeça para baixo, e o céu claro ao fundo.

Captura de tela 32 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Em consequência das mudanças sonoras e visuais desencadeadas com o ápice da canção, o campo e a floresta aparecem em coloração roxa. O encontro do roxo e do azul se equilibra e modifica por completo o espaço. Nesse mesmo momento, Choerry canta: “Apaixonada, movimento da cereja do amor/ Vou até você com coragem”⁴⁵. Em mais um distanciamento da estética do LOONA 1/3, sua atitude frente à vivência de um relacionamento é ativa e decidida.

Captura de tela 33 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

⁴⁵ Em inglês: Fallen into, love cherry motion/ Step towards you with courage”.

De volta à sala onde Choerry dançava com Kim Lip e Jinsoul, vemos a garota se olhando fixamente no espelho. Já a nova representação da árvore está mais uma vez de cabeça para baixo, saindo de uma abertura no teto iluminada.

Captura de tela 34 – Cena de *Love Cherry Motion*



Fonte: CHOERRY (2017).

Como citado inúmeras vezes, a floresta e o que remete a ela indicam e simbolizam o caminho para a iluminação e o crescimento espiritual. Por isso, a árvore que vem de um plano resplandecente – celestial, podemos dizer – lembra não apenas as noções de vida e nascimento, mas atua também como símbolo do conhecimento, como no caso bíblico.

Finalmente, na última cena, após Choerry correr pelo campo roxo, ela sorri ao avistar três luas no céu. Como em *Eclipse* e *Singing in the Rain*, o videoclipe termina como uma tela em branco contendo o nome em coreano do grupo. Durante os quatro segundos finais, a cena abaixo é apresentada. Vemos três figuras distorcidas espelhadas na água, as quais, devido a aparições anteriores no mesmo videoclipe, sabemos ser índices das três integrantes.

Captura de tela 35 – Cena de *Love Cherry Motion*

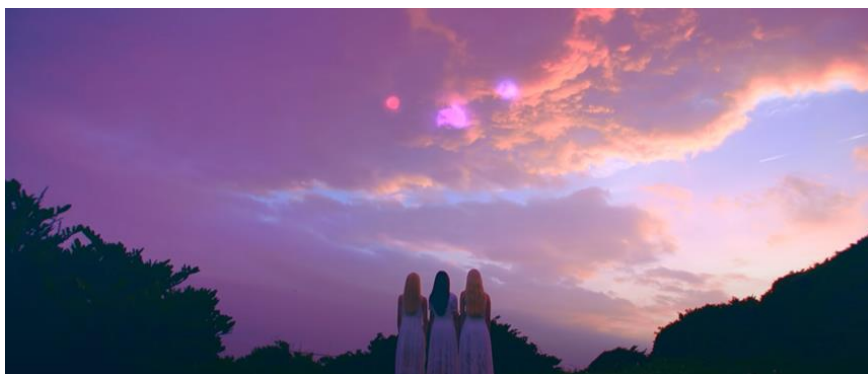


Fonte: CHOERRY (2017).

Do que podemos ver de seus corpos, apenas os pés e a barra de seus vestidos brancos estão disponíveis. De qualquer forma, concluímos que o trio se reuniu.

No universo místico, o encontro das bruxas chama-se *sabá*, considerado durante a Idade Média “[...] uma reunião diabólica de bruxas”, ainda celebrado sazonalmente por Wiccanos e Pagãos (GUILLEY, 1999, p. 292)⁴⁶. A continuação da cena anterior é exibida no *teaser Reveal*, no qual notamos como o trio observa suas respectivas luas em um céu que começa a escurecer, de oeste para leste, se desconsiderarmos a falta de indicação do que seria norte e sul. A coloração roxa vinda da esquerda é tanto um símbolo de Choerry e sua transformação final, como um índice da noite que se aproxima, algo que reconhecemos como verificável e verídico. Ou seja, o *sabá* se dá no início da noite. A “hora das bruxas” ou “[a] hora da meia-noite da noite da Lua Cheia [...] é um momento de transformação e mudança, e o auge dos poderes de feitiço [...]”, na qual culmina o processo de crescimento da Lua em suas fases, também fortalecendo os poderes da bruxa e suas divindades (GUILLEY, 1999, p. 394)⁴⁷.

Captura de tela 36 – Cena de *Reveal*



Fonte: LOONA/ODD (2017b).

Os vestidos brancos dialogam com o encontro das três integrantes, pois a cor abarca todas as demais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 817), o que inclui o vermelho, o azul e o roxo. Reunidas, sinalizam para a própria

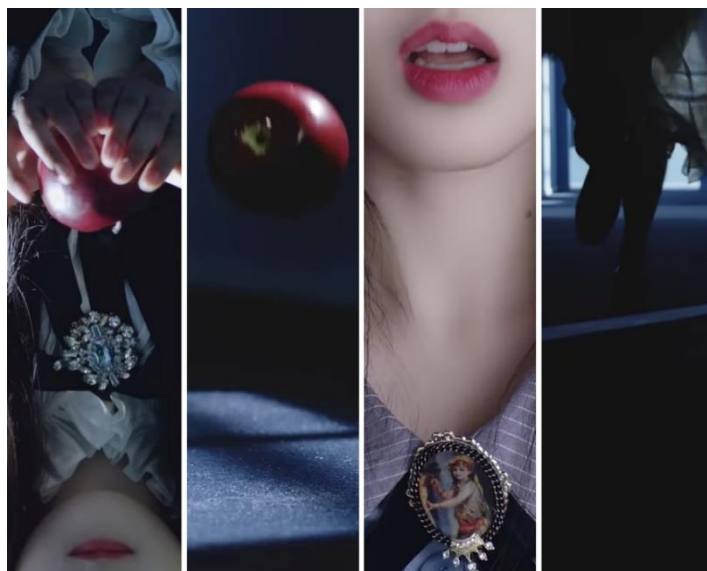
⁴⁶ No original: "In earlier times, a diabolical gathering of witches. In modern times, a seasonal celebration observed by Wiccans and Pagans".

⁴⁷ No original: "The hour of midnight on the night of the full Moon. This is a time of transformation and change and the height of witches' spell-casting powers. [...] As the Moon waxes in its phases, so do the powers associated with it and its deities, until they culminate at the full moon".

formação e lançamento da subunidade, assim como iniciam um novo arco para a narrativa, a partir do qual podem agir coletivamente para modificar o *looping* no qual as outras nove integrantes do LOONA vivem.

Capaz de utilizar os espelhos como portais, Choerry também alcançou sua iluminação e deixou de pertencer à esfera terrestre, sem perder contato com o LOONA 1/3, além de passar a acessar o Éden. Em *One&Only* (GOWON, 2017), temos uma sequência rápida em que uma garota de cabeça para baixo – índice de Choerry, como sabemos graças ao seu videoclipe – solta uma maçã, cuja relação com a queda tem explicação bíblica: o fruto proibido associado ao Anjo Caído. Como consequência, Gowon ofega de susto e, na cena seguinte, corre, uma ação que age como índice da sua negação – temporária – frente à oferta.

Captura de tela 37 – Cenas de *One&Only*



Fonte: GOWON (2018).

Já em *Kiss Later* (YEOJIN, 2017), quarto solo, conhecemos a história de Yeojin, a caçula que nega o beijo de seu príncipe encantado: um sapo de terno roxo que a persegue para lhe presentear. Aos 2'03", ele a encurrala no cenário de faz-de-conta, fabricado e icônico. Sua mão na parede e a postura que impede a fuga da garota indicam sua insistência, ao que expressão dela é de desconforto.

Captura de tela 38 – Cena de *Kiss Later*



Fonte: YEOJIN (2017).

Em contraste com o cenário colorido, o presente revela ser um doce semelhante a um bolo infestado de moscas, cuja presença simboliza o sujo, o impuro, o que faz mal. Uma vez que o emprego das cores é crucial para a identidade do ODD EYE CIRCLE e o paralelo com a entrega do bolo é construído, podemos apontar que o príncipe é uma representação de Choerry.

Captura de tela 39 – Cena de *Kiss Later*



Fonte: YEOJIN (2017).

Aliás, como vimos durante a análise das simbologias de Kim Lip, Yeojin está também associada ao urso, relação mantida em outros textos do loonaverso. Assim, a aparição do sapo tanto simboliza o amor predestinado, como contado nos contos de fada, como tem o significado transformado na conexão com Choerry. Durante a Idade Média, “[a]creditava-se que as bruxas

eram capazes de se disfarçar de sapos”⁴⁸, explica Guiley (1999, p. 345). A partir dessas observações, reconhecemos em Choerry a imagem da bruxa aprendiz que transita por todas as dimensões, continuando o trabalho das matronas Kim Lip e Jinsoul.

Logo, se afastando do medo do LOONA 1/3 em encarar a doçura e a crueldade do primeiro amor, as garotas do ODD EYE CIRCLE, segundo a descrição de *Reveal* (2017), “[...] falam sobre como você não deve esperar que o amor aconteça passivamente, mas deve tomar a iniciativa de fazê-lo acontecer você mesmo”⁴⁹. Paralelamente, suas ações alimentam o desejo de mudança das integrantes do LOONA/yyxy, o qual seria lançado futuramente. O conceito da fruta proibida surge com o trio, sendo uma simbologia riquíssima para Yves, a mulher que levará suas companheiras a cometerem o pecado de conhecer a verdade e deixar a morada celestial, como discutimos no quinto capítulo. Assim, não há conflito entre o poder exercido pelo OEC e o ordinário do LOONA 1/3, nem o religioso do LOONA/yyxy.

Portanto, incorporando a imagem demoníaca da bruxa, o trio desafia as interpretações feitas pelos fãs para representar a mulher enquanto poderosa e digna de decidir sobre seus relacionamentos e seus objetivos de vida. Mais do que uma ruptura ou um ponto de transição, o ODD EYE CIRCLE representa o diálogo entre dois planos muito distintos – Terra e Céu –, inspirando o empoderamento dos diferentes perfis de mulheres representados por meio das demais personagens.

⁴⁸ No original: “Witches were believed to be able to disguise themselves as toads”.

⁴⁹ No original: “While the first unit LOONA 1/3 released ‘Love&Live’ and ‘Love&Evil’ to talk about the co-existence of sweetness and cruelty in first love, the three girls of ODD EYE CIRCLE (from. LOONA) talk about how you shouldn’t wait for love to happen passively, but should take the initiative to make it happen yourself”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto ato musical produzido no seio de uma indústria de entretenimento, o LOONA é um exemplo da apropriação em nível *mainstream* de questões feministas para a criação de uma narrativa complexa, rica em personagens e núcleos narrativos, e baseada em perfis de mulheres consideradas historicamente como subversivas.

Para começarmos a compreender a posição do LOONA no K-Pop, no segundo capítulo, exploramos como as identidades artísticas das cantoras e *performancers* mulheres foram modeladas ao longo dos anos pelo sistema *idol*, este que é o fundamento dessa indústria há quase três décadas. No primeiro subtópico do terceiro capítulo, apresentamos a estrutura incomum pela qual o LOONA foi gerado e apresentado ao público, assim como sua atual situação.

Pautados em Jenkins (2009) e Figueiredo (2016), no subtópico seguinte, vimos que a construção de histórias por meio do audiovisual, assim como as temáticas inspiradas no feminismo, não são exclusivas do grupo. A diferença de seu uso pelo LOONA reside na complexidade de uma narrativa que dialoga com a estratégia transmidiática para divulgação e manutenção do projeto. Consequentemente, analisamos como o universo narrativo criado está organizado em materiais de diferentes naturezas. Tendo o videoclipe como material mais rico em informações sobre o loonaverso, buscamos, a partir das contribuições de Soares (2013), entender como seu uso é feito de forma organizada para estabelecer uma relação comercial e artística bem-sucedida ao sustentar duas possíveis leituras: a romântica e a rebelde. Também, em acordo com nossos objetivos, identificamos as especificidades de cada mídia e o quão relevantes são para a história, o que nos permitiu compreender o projeto como potencialmente transmidiático. A partir do contato com essas produções, reconhecemos e selecionamos elementos importantes para a constituição do grupo completo e de suas subunidades.

No quarto capítulo, nos atentamos às contribuições para a Semiótica do cientista, filósofo e matemático norte-americano Charles Peirce. Por meio de Santaella (2018), levantamos conceitos importantes desenvolvidos por Peirce

para a leitura dos signos, de acordo com suas relações frente àquilo com o que não possuem real ligação, lembram e parecem representar, no nível da primeiridade; que indicam, no contato com um objeto existente, no nível da secundidade; e que simbolizam, graças às convenções históricas e sociais, no nível da terceiridade.

Já no quinto capítulo, para compreendermos os conflitos das personagens e a mensagem crítica ao próprio movimento feminista, consultamos Butler (2003) e, nesse processo, notamos como a progressão da história se dá por meio da formação gradual da consciência feminista, envolvendo desde o reconhecimento da opressão até a avaliação do próprio movimento emancipatório. Ainda, reconhecemos que a narrativa se fundamenta na verossimilhança, abarcando questões próximas à mulher que consome a narrativa, efeito alcançado na diversidade de enredos individuais vividos pelas garotas terrestres, as bruxas e as residentes do Jardim do Éden.

Finalmente, nos três subcapítulos seguintes, analisamos semioticamente a construção dos perfis incorporados pelas integrantes da segunda subunidade do LOONA, o ODD EYE CIRCLE. Consideramos as esferas imagéticas e sonoras, buscando enriquecer nossas interpretações a partir de dados textuais, das letras das músicas e dos gêneros musicais adotados nas canções solo do trio.

A priori, por meio de Kim Lip, constatamos a atualização dos significados presentes em Atena, a deusa grega. Os surgimentos da noção de guerra estratégica e da sabedoria a partir de seus (re)nascimentos são conservados, mas o poder de decisão em relação ao próprio corpo se distancia do virginal divino, passando a significar a vivência do amor e da sexualidade.

No caso de Jinsoul, a segunda integrante da subunidade, encontramos o emprego com maior intensidade de signos comumente associados à ideia do maligno. A carga mística em seus materiais lhe conecta especialmente com a visão da bruxa enquanto criatura demoníaca e malfeitora. Buscando melhor compreender as consequências de sua transformação, apontamos sua presença nos videoclipes de integrantes também consideradas “estranhas” – como vimos o trio ser descrito. Assim, desempenha também o papel daquela que inicia as demais nos conhecimentos alcançados por Kim Lip.

Quanto à Choerry, reparamos em como seu papel de bruxa novata é construído a partir do resgate de elementos visuais e sonoros ligados à subunidade anterior, o LOONA 1/3. A partir do contraste sonoro e imagético, a iniciação de Choerry pode ser considerada a mais explícita em relação ao poder transformador dos conhecimentos capazes de libertar as mulheres do loonaverso.

Portanto, por meio dos elementos associados à bruxa e da atualização da autonomia feminina representada por Atena, concluímos que o ODD EYE CIRCLE não apenas introduz no loonaverso a noção de iluminação, mas também fortalece o tom feminista da narrativa quando suas integrantes se posicionam como aliadas das demais, pertencentes às outras subunidades. Assim, as histórias contadas pelo OEC nos permitem interpretar como igualmente necessárias todas as doze personagens.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Rui. **All Star**. EscapeShoes, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.escapeshoes.com/blog/marcas/all-star/>. Acesso em 16 out. 2023.
- AISAWA, Karen Naomi. A criação multiplataforma do BTS Universe: relações entre espaço canônico e espaço associado. *In: IV Jornada Internacional GEMInIS* (JIG 2021), 2022. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/jig2021/trabalho/227314>. Acesso em: 09 fev. 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPION, Chris. J-Pop's dream factory. **The Guardian**, 21 ago. 2005. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2005/aug/21/popandrock3>. Acesso em 7 set. 2023.
- CEIA, Carlos. DOPPELGÄNGER. *In: E-DICIONÁRIO de Termos literários*. 30 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/doppelgaenger>. Acesso em 17 jun. 2023.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Edição revista e atualizada por Carlos Sussekind. 37. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva, [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CHOERRY. **Love Cherry Motion**. YouTube, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/VBbeuXW8Nko>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- COLEMAN, J. A. **O dicionário de mitologia** — um A-Z de temas, lendas e heróis. Tradução de Monica Fleisher Alves. São Paulo: Pé da Letra, 2021.
- COMO cuidar do peixe betta: conheça sete mitos e verdades. **Petz**, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://www.petz.com.br/blog/bem-estar/como-cuidar-do-peixe-betta-conheca-sete-mitos-e-verdades/>. Acesso em: 3 nov. 2023.
- CTDENM. **LUSSEMBLE**. X (ex-Twitter): @loonaschedule, 29 jul. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/loonaschedule/status/1685146561205219328?s=20>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- DICIONARY.COM. **Pop the cherry**. 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.dictionary.com/e/slang/pop-the-cherry/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- ECO, Umberto. **A História da Feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- FIGUEIREDO, C. A. P. de. Narrativa Transmídia: modos de narrar e tipos de histórias. **Letras**, [S. l.], n. 53, p. p. 45, 2016. DOI: 10.5902/2176148525079. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25079>. Acesso em: 8 ago. 2022.

FITA de Möbius, o enigmático objeto com um só lado que fascina matemáticos, artistas e engenheiros. **BBC News Brasil**, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>. Acesso em: 17 mar. 2022.

GOWON. **One&Only**. YouTube, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/m5qwcYL8a0o>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GUILEY, Rosemary Ellen. **The Encyclopedia of Witches, Witchcraft and Wicca**. 3rd ed. New York: Facts on File, 1999.

HAAS, Guilherme. O que é streaming? **Canaltech**, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-streaming/>. Acesso em 9 set. 2023.

HEEJIN. **ViViD**. YouTube, 4 out. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/FCYE87P5L0>. Acesso em: 19 mar. 2022.

HERMAN, Tamar. Looking Back On Wonder Girls' 'Nobody,' A Decade Later. **Billboard**, 23 set. 2018. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/music-news/wonder-girls-nobody-10-year-anniversary-k-pop-hot-100-chart-8476481/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

HERMAN, Tamar. Who runs K-Pop? Big Hit, backers of BTS, Kakao, label of IU, and CJ ENM, with Money música channel, loosen grip of 'Big Three' SM, JYP and YG. **South China Morning Post**, 6 fev. 2021. Disponível em: <https://www.scmp.com/lifestyle/k-pop/news/article/3120731/who-runs-k-pop-big-hit-backers-bts-kakao-label-iu-and-cj-enm>. Acesso em: 6 fev. 2023.

HIGHWAY STAR. **"BOA 20 anos"**: a trajetória da estrela que abriu portas para o sucesso mundial do k-pop. 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.hwstar.com.br/news/highwayblog/boa-20-anos-a-trajetoria-da-estrela-que-abriu-portas-para-o-sucesso-mundial-do-k-pop/>. Acesso em 20 ago. 2023.

HIGHWAY STAR. **Afinal, como são divididas as gerações do K-Pop?** 3 out. 2020. Disponível em: <https://www.hwstar.com.br/news/highwayblog/afinal-como-sao-divididas-as-geracoes-do-k-pop/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

HYE, Olivia. **Egoist**. YouTube, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/UkY8HvgvBJ8>. Acesso em: 19 mar. 2022.

JAY, Germaine. **LOONA's Yves says she plans to go solo**. AllKPop, 6 jul, 2023. Disponível em: <https://www.allkpop.com/article/2023/07/loonas-yves-says-she-plans-to-go-solo>. Acesso em 27 ago. 2023.

JEFF, Benjamim. **BSS Interview**: The Art of the Sub-Unit. TIDAL, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://tidal.com/magazine/article/bss-interview/1-90160>. Acesso em: 27 ago. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução por Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JINSOUL. **Singing in the Rain**. YouTube, 26 jun. 2017. Disponível em: https://youtu.be/RWeyOyY_puQ. Acesso em: 18 jun. 2022.

KHALIL; Shaimaa; CAI, Derek. Johnny Kitagawa: J-pop agency boss resigns over predator's abuse. **BBC News**, 7 set. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-66737052>. Acesso em: 7 set. 2023.

KIM, Lip. **Eclipse**. Youtube, 23 mai. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/qJEoS3le0>. Acesso em: 18 jun. 2022.

KIM, S. **Chuu Signs With New Agency**. SOOMPI, 7 abr. 2023. Disponível em: <https://www.soompi.com/article/1578450wpp/chuu-signs-with-new-agency>. Acesso em 27 ago. 2023.

KOREABOO. **This new Girl Group cost 4 million dollars to produce, and haven't debuted yet**. 7 jan. 2017. Disponível em: <https://www.koreaboo.com/news/this-new-girl-group-cost-4-million-dollars-to-produce-and-havent-debuted-yet/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

KOREAN CULTURE AND INFORMATION SERVICE [KOCIS]. The Korean Wave: A New Pop Culture Phenomenon. **Korean Culture**, v. 1, 2011. Disponível em: <https://www.korea.net/Resources/Publications/About-Korea/view?articleId=2215#>. Acesso em: 27 ago. 2022.

LOONA1/3. **Sonatine**. YouTube, 27 abr. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/a6JmCdDsGM>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LOONA. **2017. 01. 04**. Seoul, 29 dez. 2016. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/814486170016985088>. Acesso em: 8 out. 2023.

LOONA. **2017. 04. 05**. Seoul, 31 mar. 2017a. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/847826322378211328>. Acesso em 8 out. 2023.

LOONA. **2017. 05. 15**. Seoul, 11 maio 2017b. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/862683787288690688>. Acesso em: 8 out. 2023.

LOONA. **2017. 06. 13 (black version)**. Seoul, 8 jun. 2017c. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/872830612398153728?t=4SgxDt8yBakVTfA1-npivA&s=19>. Acesso em: 10 out. 2023.

LOONA. **2017. 06. 13 (blue version)**. Seoul, 7 jun. 2017d. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/872468519648083970?t=NKJCSV8NREIZqWO9UmyKnA&s=19>. Acesso em: 10 out. 2023.

LOONA. **2017. 07. 12**. Seoul, 4 jul. 2017e. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: https://twitter.com/loonatheworld/status/882252681896574977?t=zKTq_hBMNvtve2-IVcor8Q&s=19. Acesso em: 10 out. 2023.

LOONA. **JINSOUL #4**. Seoul, 14 jun. 2017f. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/875004980284973059>. Acesso em: 3 nov 2023.

LOONA. **JINSOUL #5**. Seoul, 15 jun. 2017g. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/875367377621274624>. Acesso em: 8 out. 2023.

LOONA. **KIM Lip #2**. Seoul, 15 mai. 2017h. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/864133314445164546>. Acesso em: 8 out. 2023.

LOONA. **KIM Lip #4**. Seoul, 18 mai. 2017i. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/865221741164994560>. Acesso em: 8 out. 2023.

LOONA. **OLIVIA HYE #3**. Seoul, 18 mai. 2018a. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/975386368195964930>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LOONA. **YVES #1**. Seoul, 18 mai. 2018b. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/930087899546058754>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LOONA. **YVES #2**. Seoul, 18 mai. 2018c. X (ex-Twitter): @loonatheworld. Disponível em: <https://twitter.com/loonatheworld/status/930812658395295745>. Acesso em: 16 mar. 2023.

LOONA. **Butterfly**. YouTube, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/XEOCbFJjRw0>. Acesso em: 28 mai. 2022.

LOONA. **New Moon**. YouTube, 29 dez. 2020a. Disponível em: <https://youtu.be/kRp9otmtTxw?si=1cpncXC37JolE7In>. Acesso em: 28 out. 2023.

LOONA. **So What**. YouTube, 5 fev. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GEo5bmUKFvI>. Acesso em: 28 out. 2023.

LOONA/ODD Eye Circle. **Girl Front**. YouTube, 21 set. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tyInv6RWL0Q>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LOONA/ODD Eye Circle. YouTube, **Reveal**. 29 ago. 2017b. Disponível em: <https://youtu.be/3Q9hJBog8QI>. Acesso em: 1 mai. 2023.

LOONA/YYXY. YouTube, **love4eva**. 30 mai. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/tlWpr3tHzII>. Acesso em: 10 jul 2022.

LOOPED. *In: Cambridge Dictionary*. [s.d]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/looped>. Acesso em: 11 nov. 2023.

NASCIMENTO, Anderson. O que é glitch? **CanalTech**, 19 ago. 2014. Disponível em: <https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-glitch/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

NCT lança terceiro álbum, 'Universe'; confira os detalhes do comeback. **Revista Quem**, 14 dez. 2021. Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/Entretenimento/kpop/noticia/2021/12/nct-lanca-terceiro-album-universe-confira-os-detalhes-do-comeback.html>. Acesso em: 27 ago. 2023.

OLIVEIRA, Greyce. Últimas integrantes do LOONA vencem processo contra a BlockBerry Creative. **KoreaIN**, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2023/06/ultimas-integrantes-do-loona-vencem-processo-contr-a-blockberry-creative/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PINTO, Júlio. **1,2,3 da Semiótica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

RIBEIRO, Vitória Evelyn Mota Dias. Análise de questões feministas no universo narrativo de LOONA. **JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 19, São Paulo, 2023. Disponível em: <http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xix>. Acesso em: 14 ago. 2023.

RJIN, Rembrandt van. **Pallas Athena**. ca. 1655. Óleo sobre tela. 118 x 91 cm. Disponível em: <https://rkd.nl/en/explore/images/54618>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

SEABROOK, John. Factory Girls. **The New Yorker**, 01 out. 2012. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2012/10/08/factory-girls-2>. Acesso em: 5 fev. 2023.

SOARES, Thiago. **A Estética do Videoclipe**. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/37376027/A_ESTÉTICA_DO_VIDEOCLIFE. Acesso em: 23 mar. 2022.

VIVI. **Everyday I Need You**. YouTube, 13 maio, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yphYFDJ4J4w>. Acesso em: 4 nov. 2023.

YAMILETH BV. **[ESP] LOONA/ViVi Letter to HongKong**. Youtube, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/AqiGee97Tcl>. Acesso em: 5 fev. 2023.

YEO, Gladys. LOONA's Hyunjin, Yeojin, Vivi, Gowon and Hyeju to re-debut as LOOSSEMBLE. **NME**, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.nme.com/news/music/loona-hyunjin-yeojin-vivi-gowon-hyeju-debut-loossemble-3475425>. Acesso em: 27 ago. 2023.

YEOJIN. **Kiss Later**. YouTube, 15 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thpTOAS1Vgg>. Acesso em: 19 mar. 2022.